

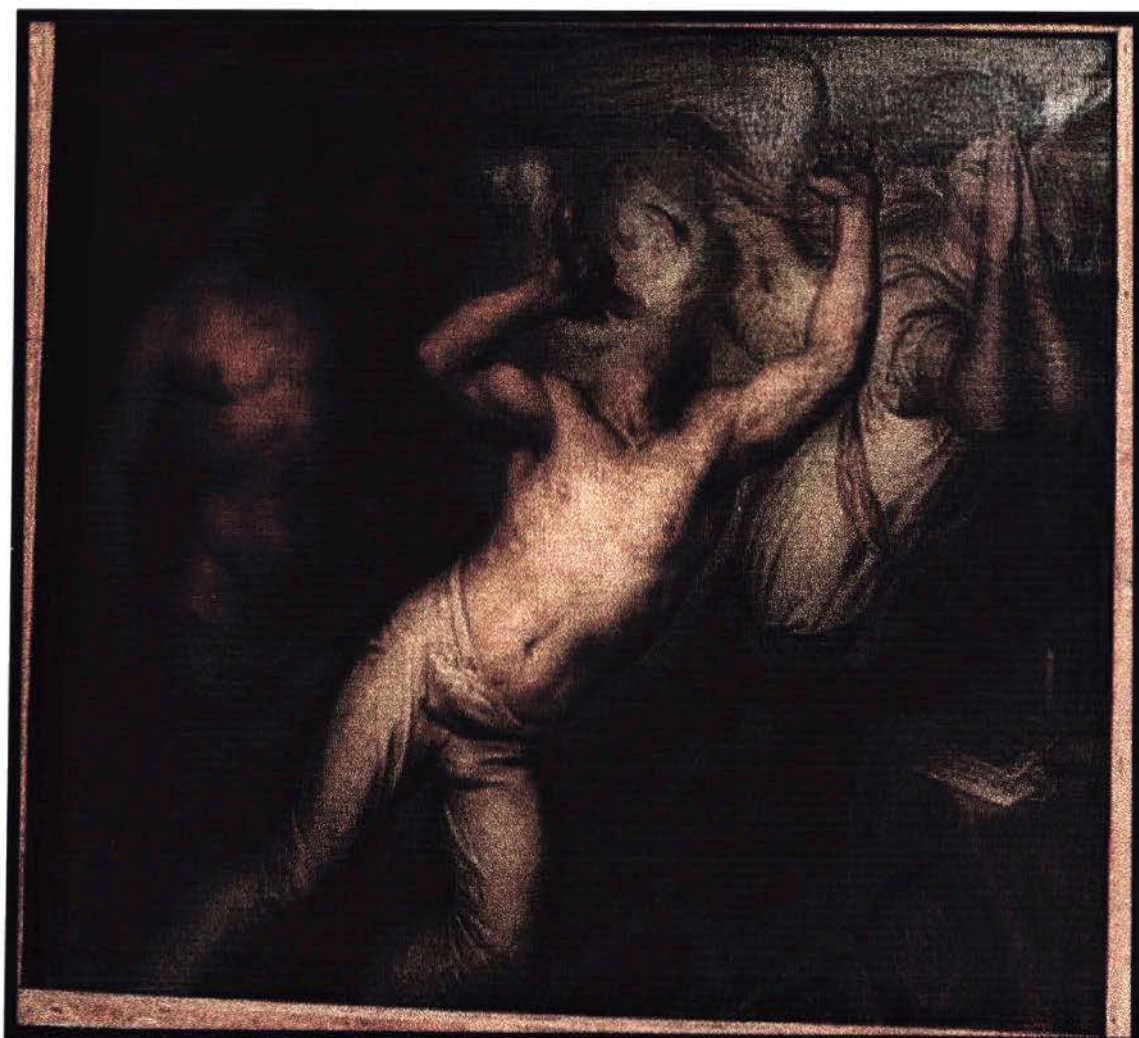
AVISO AO USUÁRIO

A digitalização e submissão deste trabalho monográfico ao *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia* foi realizada no âmbito do Projeto *Historiografia e pesquisa discente: as monografias dos graduandos em História da UFU*, referente ao EDITAL Nº 001/2016 PROGRAD/DIREN/UFU (<https://monografiashistoriaufu.wordpress.com>).

O projeto visa à digitalização, catalogação e disponibilização online das monografias dos discentes do Curso de História da UFU que fazem parte do acervo do Centro de Documentação e Pesquisa em História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (CDHIS/INHIS/UFU).

O conteúdo das obras é de responsabilidade exclusiva dos seus autores, a quem pertencem os direitos autorais. Reserva-se ao autor (ou detentor dos direitos), a prerrogativa de solicitar, a qualquer tempo, a retirada de seu trabalho monográfico do *DUCERE: Repositório Institucional da Universidade Federal de Uberlândia*. Para tanto, o autor deverá entrar em contato com o responsável pelo repositório através do e-mail recursoscontinuos@dirbi.ufu.br.

**DESILUSÕES, DESPEDIDAS E SUICÍDIO:
UBERLÂNDIA PROCESSOS CRIMINAIS 1924/1966**



Antoine Wiertz, O Suicídio (1854)

CLÁUDIA SANTANA LEMOS

CLÁUDIA SANTANA LEMOS

**DESILUSÕES, DESPEDIDAS E SUICÍDIO: UBERLÂNDIA
PROCESSOS CRIMINAIS 1924/1966**

Monografia apresentada ao
Instituto de História da
Universidade Federal de
Uberlândia como requisito parcial
para a obtenção dos títulos de
bacharel e licenciada em História,
sob a orientação da profª. Dra. Vera
Lúcia Puga de Sousa.

UBERLÂNDIA, SETEMBRO DE 2002

BANCA EXAMINADORA:

Profª. Dra. Raquel Cristina Radamés de Sá

Profª. Dra. Maria Clara Tomaz Machado

Profª. Vera Lúcia Puga de Sousa (orientadora)

Raquel -

- ler o Jangasui nha
- mistura de teorias -
- adotar uma ''
- fazer análise sociológica / depois
psiquiátrica / etc.

**Aos que acreditam que a vida vale a
pena ser vivida.**

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a todos que de alguma forma me ajudaram a produzir este trabalho direta ou indiretamente. Principalmente à minha amiga e orientadora Vera Lúcia Puga de Sousa, que me apresentou esta documentação e soube guiar meu caminho e me acalmar nos momentos mais difíceis. Ao Heleno que me mostrou a importância da pesquisa na vida acadêmica e ouviu sempre com atenção e dedicação minhas aflições.

Aos amigos e colegas de curso que durante toda a trajetória me acompanharam e me ajudaram a completar esta jornada, bem como foram grandes companheiros dentro e fora da universidade; que afogaram as mágoas comigo após provas difíceis e seminários que nos deixaram à flor da pele: Daniela, Claudete, Tati, Pierpaolo, Neliane, Liliu, Juninho, Cristiane, Lays . Às pessoas que me acompanharam neste novo momento da minha vida morando longe da minha família. Pessoas com as quais morei, amadureci e me tornei melhor enquanto ser humano pela convivência em república. Entre elas: Izabela, Núbia, Liliane e Kátia. Às minhas amigas de Uberaba que mesmo distantes sempre compreenderam minha ausência e me apoiaram durante as angústias com relação à vida profissional: Lillian e Lucélia. Aos meus familiares que apesar de não compreenderem o motivo que me trouxe a esse curso, sempre me respeitaram e me auxiliaram nos momentos em que titubeei. Às professoras que me instigaram e aconselharam: Rosa Maria, Giselda Simonini e Dulcina Bonatti. Ao amigo João Batista que durante toda a graduação nos auxiliou nos serviços de secretaria facilitando nossa vida acadêmica.

À minha irmã que por mais que não entendesse o que eu estava fazendo, sempre me visitou e percebeu que morar longe dos pais não é tão bom quanto parece. E especialmente aos meus pais, Ronaldo e Dora, que são as pessoas que mais confiaram

em mim e compreenderam cada fase e cada momento que vivi distante, ao encarar minha ausência como crescimento e amadurecimento.

A todos meus sinceros agradecimentos.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	01
<u>CAPÍTULO I</u>	
ANÁLISE CONTEXTUAL DO SUICÍDIO	
1.1 – TENTATIVAS DE CONCEITUAR SUICÍDIO	08
1.2 – OS POSSÍVEIS MOTIVOS	17
<u>CAPÍTULO II</u>	
O PERFIL DO SUICIDA UBERLANDENSE	
2.1 – SUICÍDIO ENQUANTO PATOLOGIA SOCIAL	19
2.2 – DIAGNÓSTICO DO SUICÍDIO EM UBERLÂNDIA – CASO A CASO	31
<u>CAPÍTULO III</u>	
DESPEDIDAS, SEPARAÇÕES: ANÁLISE DAS CARTAS DE ADEUS DOS SUICIDAS	49
CONSIDERAÇÕES FINAIS	61
FONTES DOCUMENTAIS	62
REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA.....	63

INTRODUÇÃO

A memória social é transmitida de várias formas: por meio das tradições orais, dos relatos escritos, de imagens, sejam elas pictóricas ou fotográficas, ao transmitir aptidões e do espaço. Assim optamos neste trabalho por utilizar o meio de transmissão de memória mais tradicional que são os relatos escritos. Entretanto, este meio, como os outros, pode nos levar-nos a representações errôneas sobre o passado, uma vez que, neste caso, ao levar as informações para o papel esta sofre interferência de quem está redigindo o documento. Optamos por utilizar processos crimes, uma fonte escrita e que como todas as outras sofre uma série de interferências e mesmo assim não perde sua validade como documento histórico, pois é papel do historiador, perceber e diagnosticar o que foi modificado ao ser transposto para o papel.

Desta maneira, no início do ano de 1999, o Fórum Abelardo Pena, da cidade de Uberlândia MG, doou à Universidade Federal de Uberlândia uma parte dos processos crimes que se encontravam naquele arquivo, ou seja de 1890 até o ano de 1970. Toda documentação seria queimada com intuito de ampliar o espaço do arquivo. Para resgatar a memória e os costumes de quase um século foi que o CDHIS (Centro de Documentação e Pesquisa em História) entrou com o pedido e conseguiu que os processos viessem para a Universidade. Como uma das estagiárias do projeto GT-Violência, trabalhei na restauração, de fichamento, organização e recuperação dos processos crime, entramos em contato com essa fonte inesgotável de informações.

Foi no próprio Fórum Abelardo Pena que conhecemos os processos de Suicídio. Até então não sabíamos que havia processos desta ordem ou que analisavam do aspecto jurídico dos atos suicidas. Optamos por conhecer toda documentação, através da leitura e fichamento de todos os processos de suicídio que encontramos, ao

todo se somam 72 processos de Suicídios consumados e mais 08 Tentativas de Suicídio. Acreditamos não ter encontrado todos que existem pois o universo de processos se soma por volta de 15.000 e muitos ainda se encontram sob a custódia do próprio Fórum.

Os órgãos públicos tem alguns problemas em doar documentos de muita importância para universidades, principalmente no que tange a pesquisa acadêmica. Ao decidirem que iam queimar o arquivo, as partes envolvidas não se preocuparam em fichar ou fazer uma relação de tudo que seria incendiado. Uma vez que essa documentação não seria apagada, ao contrário, teria maior acessibilidade à população. Foram exigidas da universidade e dos pesquisadores que fizessem uma relação, isto é fichassem os processos, para que a administração do Fórum tivesse um controle do que estava sob a custódia da Universidade. Foi um trabalho árduo, pois a cada semana as fichas tinham que conter mais informações sobre os processos, tendo o trabalho que ser recommçado por várias vezes.

Os estagiários do projeto, bem como a professora orientadora, enfrentaram problemas com relação às condições de trabalho encontradas no Fórum. A documentação seria doada para universidade, mas ela só sairia do Fórum quando tivesse fichada de acordo com as normas estabelecidas pelos responsáveis pelo arquivo. Trabalhávamos no corredor, pois o arquivo não tinha espaço para nos abrigar, bem como se tratava de uma atmosfera poluída porque a documentação estava má acondicionada e havia documentos até mesmo dentro do banheiro. Algumas mesas foram colocadas nesse corredor e por lá ficamos alguns meses. Não obstante esse era o corredor pelo qual passavam os réus e presidiários à espera de julgamento. Logo não se tratava de um ambiente propício para a pesquisa.

Depois de algumas negociações entre o Fórum e a Coordenação do Curso de História, chegou-se à conclusão que os processos seriam trazidos para o Centro de

Documentação e Pesquisa em História (CDHIS). Lá eles ficaram no anfiteatro, onde foram separados ano-a-ano, pois o arquivo do Fórum não tinha nenhum critério de armazenamento/arquivo dos mesmos.

Como se sabe, em 2001, o prédio que abriga o CDHIS corria risco de desabamento, o teto do andar superior estava cedendo e foi necessário que toda a documentação que se encontrava naquele andar se deslocasse para o andar de baixo, por medida de precaução. O espaço já estava muito restrito, a documentação ficou mal armazenada devido ao acúmulo de acervos na mesma sala. Assim a universidade alugou uma casa, na Avenida Belarmino Cota Pacheco, para abrigo os processos (GT-Violência) e os acervos do Neguem (Núcleo de Estudos de Gênero e da Mulher).

Neste momento os processos estão em fase de fichamento e arquivamento eletrônico das fichas por meio de um programa, no modo MS-DOS, desenvolvido por um aluno do curso de Ciências da Computação. Eles estão organizados em caixas arquivo ano-a-ano e por tipo de crime sendo facilmente encontrados para pesquisa.

Quanto aos processos de suicídio começamos um projeto de Iniciação Científica em 2001 com o financiamento do CNPq. E foi nesse momento que conhecemos melhor os processos, uma vez que essa documentação fornece informações que nos permite traçar o perfil do suicida, bem como a reação das outras pessoas e a do próprio suicida diante de tal violência.

Analisamos o Suicídio no Código Penal de 1890 e no vigente que data de 1940. *Não existe concorrência criminosa, se o fato não constitui crime, como no suicídio.*¹ O que é considerado crime é o induzimento, instigação ou auxílio ao suicídio. Segundo o Código Penal de 1890:

Art. 122 – Induzir ou instigar alguém a suicidar-se ou prestar-lhe auxílio para que o faça: Pena- reclusão, de

¹ CÓDIGO PENAL DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL. COSTA E SILVA, Antônio José da. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1930.

dois a seis anos, se o suicídio se consuma; ou reclusão, de um a três anos, se da tentativa de suicídio resulta lesão corporal de natureza grave. Parágrafo único- A pena é duplicada: Aumento da pena- I – Se o crime é praticado por motivo egoístico; II- Se a vítima é menor ou tem diminuída, por qualquer causa, a capacidade de resistência.²

Já, de acordo com o Código de 1940:

Art. 299. Induzir, ou ajudar alguém a suicidar-se, ou para esse fim fornecer-lhe meios, com conhecimento de causa: Pena- de prisão celular por dois a quatro anos.³

Quando alguém morre e existe alguma dúvida sobre de que forma essa pessoa morreu o delegado abre um inquérito policial para averiguar se a vítima foi induzida a se suicidar, se foi um homicídio ou se ela se suicidou. A partir desse momento arrolam-se testemunhas que relatam o acontecido, ou o que ficou sabendo que aconteceu. Juntam-se às peças do processo tudo que o suicida deixa como pistas, sinais: carta testamento, carta de despedida, instrumentos utilizados entre outros. Como suicídio não é crime não esperaríamos encontrar processos com longos depoimentos, no entanto, trata-se de uma inesgotável fonte para a pesquisa história no que diz respeito à história local e micro-história e história nacional. De acordo com Ângelo Priori, não existem regiões delimitadas

(...) a região enquanto categoria espacial é uma construção dos geógrafos, e enquanto espaço social, constituído historicamente, nada mais é do que uma de ponto de vista do historiador⁴.

Daí podemos observar que os processo de Suicídio, abrem possibilidades de pesquisa tanto regional quanto nacional. Pois segundo Priori :

Embora os documentos sejam o filão do historiador, o motor que impulsiona o avanço da pesquisa histórica é o

² CÓDIGO PENAL DA REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL. 1890. In: Picrangelli, José Henrique. (Coord.). Códigos Penais do Brasil. Evolução Histórica. São Paulo: 1980.p.471.

³ Ibidem. p.303.

⁴ PRIORI.Ângelo. **História Regional e Local: métodos e fontes**. In: Assis: 1994, vol 02, p. 181.

*problema. As fontes são os aditivos que alimentam este impulso*⁵.

Assim, para que haja produção historiográfica a partir das fontes indicadas, é necessário que os historiadores tenham contato com as mesmas, só assim poderão questioná-las e fazer um trabalho coerente. Através da relação estabelecida entre problema e fonte forma-se um movimento destinado a testar hipóteses, que resultará na produção de conhecimento histórico. Pois, *para o historiador, a história é um conhecimento através dos documentos*⁶.

Recupera-se a memória de uma sociedade através dos meios de transmissão citados no início do texto, entretanto existe uma força propulsora a esquecer a memória social, a apagar da memória algo que não é interessante para o sistema ou para o Estado, fato este denominado de *amnésia social*, por Burke⁷. Assim cabe a nós historiadores, segundo o autor, *lembrar as pessoas o que elas gostariam de ter esquecido*⁸. Os documentos com os quais lidamos trabalham o suicídio como (...) *toda morte que resulte mediata ou imediatamente de um ato positivo ou negativo, levado a cabo pela própria vítima*.⁹

Dentre os processos lidos e fichados, encontra-se grande número de suicídios que conjugam álcool e adultério. Pode-se comprovar o fato na fala de algumas testemunhas arroladas.

(...) que seu marido não tinha vícios e sempre foi bom trabalhador; que há seis anos seu marido tornou-se amante de uma mulher de nome D. A , vulgo N. , a quem devotava todo seu tempo e simpatia; (...) ¹⁰ ; (...) que durante a vida conjugal foi bom esposo, dedicado, trabalhador e bom chefe de família; que de 3 anos esta data o esposo começou a beber e levar uma vida

⁵ Ibidem, p.185.

⁶ Ibidem, p.85

⁷ BURKE, Peter. **Variedades de história cultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

⁸ Ibidem, p.89.

⁹ DURKHEIM, Emille. O suicídio. Rio de Janeiro. Zahar, 1976. p.14.

¹⁰ ARQUIVO DO CDHIS. Processo n.º 116. Uberlândia, 1948.

*descontrolada, sendo que a declarante através de comentários e boatos ficou sabendo que o mesmo havia arranjado uma amante e que desde então se transformou a sua vida conjugal, visto que logo seu esposo começou logo a usar bebidas alcoólicas e modificou em tudo sua conduta de chefe de família;(...).*¹¹

Outro motivo que engrossa grande número dos suicídios envolve questões amorosas, sexuais e conjugais. Ciúmes, abandonos, desencantos, desamores, paixões não correspondidas e solidão. Por meio dos testemunhos pode-se perceber o estado emocional em que as vítimas estavam envolvidas.

*(...) que sua filha sempre foi controlada e nunca sofreu moléstias graves (...) que a mesma vivia bem com seu marido (...) que sua filha sempre foi ciumenta (...) afirmava que seu esposo andava com relações amorosas com outras mulheres, sendo que é uma suspeita infundada (...).*¹²

Cabe salientar que se trata de um trabalho inédito nesta cidade e sua importância está diretamente ligada ao tipo de fonte utilizada para conhecer uma patologia social. Com esta pesquisa recuperaremos a memória social através dos discursos dos processos, na medida em que há cartas e bilhetes deixados pelos suicidas, depoimentos dos familiares do suicida, de quem presenciou o crime e a sentença do juiz.

*Acreditamos que para transformar essa sociedade seria preciso converter valores que são propagados dentro e fora de nossas casas. A começar pelo discurso sexista que reforça papéis, produção econômica, diferenças biológicas, passando pelas leis e normas dispostas em códigos de posturas, penais, delimitam as ações femininas, exigindo sua submissão ao masculino. Para isso, se faz necessário repensar a sociedade brasileira como um todo, a educação, a cultura para que possamos ter no horizonte uma esperança de paz entre homens e homens, mulheres e mulheres e homens e mulheres.*¹³

Sob esta óptica é que pretendemos abordar esta documentação e a temática a serem pesquisadas.

¹¹ ARQUIVO DO CDHIS. Processo sem número. Uberlândia, 1954.

¹² ARQUIVO DO CDHIS. Processo sem número. Uberlândia, 1952.

¹³ PUGA DE SOUSA, Vera Lúcia. e MACHADO, Maria Clara Tomás (orgs.) Inven-
tário de Fontes Criminais em Uberlândia, 1960-1980. Uberlândia: EDUFU, 2000.p.26.

Faz-se necessário lembrar aos leitores que se trata de um tema pouco explorado na historiografia e que há poucos trabalhos publicados a esse respeito e sua maioria se encontra na área da Psicologia e Psiquiatria.

I - ANÁLISE CONTEXTUAL DO SUICÍDIO

*Quem já não teve fantasias de suicídio?
Eu já. Imagino que se Deus Todo
Poderoso tivesse colocado em nossos
corpos um botão mágico que, ao se
tocado, nos fizesse morrer de forma
instantânea e indolor, não haveria uma
única pessoa viva no mundo.*
(Rubem Alves)

1.1 – TENTATIVAS DE CONCEITUAR SUICÍDIO

O Brasil, nos fins do século XIX e início do século XX, passava por uma série de transformações. A passagem da mão-de-obra escrava para livre assalariada produziu uma série de conflitos que geraram contradições e crises sócio-econômicas. Com isso a população nacional se tornou o mais heterogênea possível. Sua composição se baseava em negros libertos, trabalhadores brancos, imigrantes e latifundiários. Com a formação de um mercado de trabalho diversificado foi se estabelecendo e se configurando a classe operária e a burguesia brasileira. O grande marco da história do Brasil nessa época é a Abolição da Escravatura, com ela há o caos da sociedade. E havia uma classe dominante específica, que eram os latifundiários rurais brancos, a família patriarcal.

A partir deste momento a burguesia se consolida e a dicotomia capital x trabalho que começam a ditar as regras sociais. Segundo Matos¹⁴, no final do século XIX e começo do XX há um boom da construção da identidade nacional. Há o universo mental da Belle Époque. Novas perspectivas artísticas. A mudança foi significativa pelo fim da

¹⁴ MATOS, Maria Izilda Santos de. **Meu lar é o botequim**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2001.

escravidão e proclamação da República. A importância da construção da identidade é relevante na medida em que é necessário ter referências no passado para construir a identidade. A história constrói uma temporalidade do presente para o passado.

A grande questão neste momento é a constituição da cidadania. A família como célula da sociedade brasileira. O projeto de identidade está centrado na formação do cidadão, que antes de qualquer coisa tem que ser trabalhador. Incutem-se noções de trabalho numa sociedade ex-escravista e o trabalho vem à tona como um valor. O trabalhador ideal tem que ser racional, metódico, dedicado, assíduo, pontual, gostar de futebol (como prova de masculinidade), honrado, honesto, provedor da casa, disciplinado, bom pagador e ter palavra.

Entretanto esses elementos não são encontrados na propriedade negra ex-escrava. Já o imigrante se opõe ao negro e ainda tem vantagem de ser privilegiado no país pois tem a possibilidade de clarear/branquear o Brasil. A escola e a Igreja apoiam este projeto construção da identidade nacional. Na década de 1930 houve novas ações e interferências na ação sobre a identidade nacional.

O governo Vargas reprimia a malandragem – caso de polícia e internalizou na Nação os valores positivos do trabalho. Higienizava-se as cidades, dispersava a pobreza para o subúrbio. Constróem-se as fábricas e vilas operárias, com o intuito de disciplinar e moralizar o proletariado. Tudo isso, visando qualidade e melhor produção nas fábricas pelo operariado. Segundo Foucault:

(...) o corpo é objeto de investimentos imperiosos e urgentes; em qualquer sociedade, o corpo está preso no interior de poderes muito apertados, que lhe impõem limitações, proibições ou obrigações. (...) não se trata de cuidar do corpo, grosso modo, como se fosse uma unidade indissociável mas de trabalhá-lo

*detalhadamente; de exercer sobre ele uma coerção sem folga, de mantê-lo ao nível mesmo da mecânica – movimentos, gestos, atitude, rapidez: poder infinitesimal sobre o corpo ativo. Objeto, em seguida, do controle: não, ou não mais os elementos significativos do comportamento ou a linguagem do corpo, mas a economia, a eficácia dos movimentos, sua organização interna; a coação se faz mais sobre as forças que sobre os sinais; a única cerimônia que importa é a do exercício.*¹⁵

A nova ordem do trabalho insiste na disciplinarização dos indivíduos, coordenam os horários; os hábitos; o horário de dormir; quem entra na vila e quem sai; controla o uso excessivo de álcool; em suma a vida pessoal e profissional do trabalhador.

*Se a exploração econômica separa a força e o produto do trabalho, digamos que a coerção disciplinar estabelece no corpo o elo coercitivo entre uma aptidão aumentada e a dominação acentuada.*¹⁶

O que se cria no Brasil neste momento é uma mão- de- obra mais dócil e menos politizada. A dominação da classe trabalhadora pela classe dominante era explícita e vergonhosa. A jornada de trabalho era composta por longas e duras horas de trabalho, mulheres e crianças também compunham o quadro operacional. Mesmo assim, a situação da maioria do povo brasileiro era de penúria e miséria.

Higieniza-se as cidades, tiram dos centros das cidades a parte pobre que tanto incomoda a burguesia, também como forma de ignorar a carestia e a miséria social. Os miseráveis que não têm um “lugar ao sol” no mercado de trabalho, se acumulam nos cortiços e favelas, acontece a reorganização da vida social. Somam-se a isso epidemias e falta e infra-estrutura das cidades, o caos está instalado.

¹⁵FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. História da violência nas prisões. Petrópolis, Editora Vozes, 1983. p. 118.

¹⁶ *Ibidem*, p. 120.

Nas décadas de 1930 a 1950 a indústria surge como personagem central da recuperação e expansão da economia. O Estado é o principal elemento dessa industrialização, que atua dando incentivos, concedendo empréstimos, adotando uma política para o setor agrícola capaz de financiar o processo industrial e controlando a crescente classe operária através da CLT (Consolidação das Leis Trabalhistas).

Uberlândia não foge aos problemas e contradições do capitalismo mundial. Nas décadas de 1940 e 1950 era uma cidade em vias de desenvolvimento. A formação da classe trabalhadora, o operário padrão, as mulheres se inserindo no mercado de trabalho entre outros fatores engendrava o crescimento e o aumento populacional da mesma fez com que a violência se instalasse de forma patológica nesta sociedade.

Neste quadro, o suicídio aparece como uma das formas de fuga de uma situação desagradável em que o indivíduo se encontra, fuga da realidade cruel. Para além dos preceitos que se concebe de uma cidade a caminho da modernização segundo os padrões internacionais, os sujeitos históricos (sociedade civil) se encontram numa difícil condição de introjeção do modelo da nova ordem mundial para o trabalho e para a convivência social.

Emille Durkheim¹⁷ realizou um estudo pioneiro sobre o suicídio em 1897, baseado na observação e análise das estatísticas de suicídio em seis países europeus no período de trinta anos. Assim mostrou que as taxas de suicídio variam de acordo com a situação por que passam os países, constatando que quando estão em crise econômico-financeira crescem os números de suicidas. Sua proposta era demonstrar que o suicídio não tem como causas somente as psicológicas, recebendo principalmente grande influência dos fatores sociais, econômicos e políticos. Na Alemanha, por exemplo, durante sua unificação em 1866 e na França durante a Comuna de Paris em 1848 houve

¹⁷ DURKHEIM, Emille. O suicídio. Rio de Janeiro. Zahar, 1976.

maior número de casos de tentativas de suicídio. Segundo o autor existem três tipos de suicídio: o primeiro deles trata-se de pessoas que colocam seus próprios valores acima de convenções coletivas e se martirizam ao não se adaptar às próprias regras, é um suicídio egoísta – o que acontece na maioria dos casos, pois o indivíduo só se preocupa consigo mesmo; o segundo é o suicídio altruísta – um exemplo são os esquimós mais idosos que saem das suas casas, quando nasce uma criança e morrem congelados; e o terceiro tipo é o suicídio anômalo, quando o indivíduo se sente pressionado por crises econômicas e sociais advindas da vida moderna. Durkheim estudou o suicídio do ponto de vista social, no qual a decisão foi do indivíduo, mas a houve coerção social, pois a sociedade impõe regras que devem ser seguidas e a decisão de não segui-las é um ato político e social que desencadeia reflexo do coletivo.

De acordo com Maria Luiza Dias:

*A análise do suicídio implicaria inevitavelmente uma análise estrutural dos princípios e mecanismos sobre os quais, se alicerça nessa sociedade, em que a personalidade suicida teria que ser compreendida numa abordagem sócio-psico-cultural. O suicídio é, portanto, multideterminado por formação do indivíduo inserido num grupo social ao que pertence e estabelece intercâmbio.*¹⁸

Por isto, para uma melhor compreensão dos fatores sociais, morais, religiosos, culturais e políticos, faremos ainda neste trabalho uma retrospectiva histórica, historicizando os momentos, reconstruindo valores. Uma vez que a moral, os costumes e os valores vigentes regiam e regem a vida dos indivíduos e a consequência de um desajuste pode engendrar a escolha por não viver.

Segundo Peter Gay, o suicídio

(...) surge quando a sociedade está inadequadamente representada nos indivíduos, já que os reprime excessiva, insuficientemente, ou reprime-os de maneira destrutiva.

³ DIAS, Maria Luiza. O suicida e suas mensagens de adeus. In. CASSORLA, Roosevelt M.S (Coord.) Do suicídio. Estudos Brasileiros. Campinas, Papirus, 1991.

*Todas essas falhas mostram uma desarmonia entre as regulações sociais e as necessidades dos membros da sociedade.*¹⁹

O auto-extermínio pode acontecer devido a inúmeros fatores, a nossa cultura ocidental tradicional tem uma série de dogmas e quando o indivíduo não se enquadra no padrão comportamental exigido, nas normas de convivência estabelecidas, se sente um desviante e se mata, por se sentir diferente dos outros. A religião que determina o que é ou não pecado e os preceitos religiosos, tais como aparecem na Bíblia – *Não matarás* – no quinto mandamento, não levam a nenhuma postura quanto ao suicídio, entretanto a Igreja tenta incluir nesse mandamento o suicídio. Embora mesmo os religiosos ao cometer heresia, adultério, ter vida devassa, relacionar-se com meretrizes com um exacerbado sentimento de culpa e medo, podem, ao invés de esperar a punição Divina, se auto punirem ou suicidarem. Segundo Chauí²⁰, o medo que nasce da nossa própria condição finita é imanente ao ser humano. Medo é paixão triste e a luta contra ele passa pelo combate das paixões contrárias: fuga da morte e desejo de vida. Tem-se medo da morte, da roda da fortuna, da tortura, da traição, da censura. Medo da culpa e do castigo, do perigo e da covardia, dos medrosos e dos sem medo. Medo do esquecimento, do ódio que devora e da cólera que corrói. Medo de castração, do ócio, enfim, medo do medonho. As sociedades criam inimigos externos para que fiquem coesas internamente. Sente-se medo do inimigo. O medo que se sente do Diabo, das bruxas, feiticeiras, das deusas entre outros, outrora é sentido de si mesmo com a instituição da cultura da culpa pelo cristianismo. Pois na necessidade de cercear as paixões, desejos, afetos dos seres humanos, o cristianismo traz para dentro do indivíduo uma série de valores que controlam os impulsos, na tentativa de normatizar e disciplinar a sociedade. O medo

¹⁹ GAY, Peter. A experiência Burguesa da Rainha Vitória. O Cultivo do Ódio. São Paulo: Cia das Letras, 1995 p.217.

²⁰ CHAUI, Marilena. Sobre o Medo. In: Vários autores. **Os Sentidos da Paixão**. São Paulo: Cia das Letras, 1987. pp. 35-75.

passa a ser de si mesmo, temendo não conseguir se controlar. Os pecados regem a vida dos indivíduos. A cultura da culpa leva o Diabo para dentro das mentes. Os homens são habitados por regras e valores que não são os inatos. Daí nascem as idéias de transgressões e tentações. Os desejos são recolhidos e reprimidos, culpa e obediência são interiorizados. Então a paixão gera novos fantasmas – deusas, diabos, medusas entre outras. A liberdade é uma atividade que se realiza como desdobramento interno e se confunde com a necessidade e com autoridade que decreta proibições e interdições. Autoridades estas que tem o poder de punir transgressões e recompensar submissões. Assim a forma assumida pela religião exprime a política de uma sociedade e a forma assumida pela política exprime a natureza da religiosidade. Sob tirania política, teológica e moral não há felicidade nem liberdade.

Assim o tema do suicídio circunda no domínio do homem sobre a própria vida. O suicídio, segundo Albert Camus em sua obra o mito de Sísifo, é a única questão filosófica digna de consideração. Pois o sujeito que pensa no ato está colocando em cheque a importância da vida. Logo, não é de se surpreender que o suicídio foi uma das primeiras condutas estudadas por sociólogos no século XIX, uma vez que o direito de morte, de gerir a vida cabia ao soberano e nesse sentido, a auto-destruição teria difícil explicação e compreensão.

O poder sobre a vida é normatizado no século XVII através de investimentos imperiosos na disciplinarização do corpo humano por meio do controle e desenvolvimento das aptidões individuais. Há uma proliferação de instituições que administram o ser humano: colégios, internatos, ateliês (locais onde se ensinam um ofício) etc. A sociedade começa a ser controlada através da longevidade, dos índices de natalidade, dos problemas de saúde pública, habitação, migração entre outros, com o intuito de dominação e controle da população.

De acordo com Foucault²¹, no século XVIII há uma nítida separação das duas direções em que o 'bio-poder' se desenvolve, de um lado instituições como exército e escolas e de outro o controle demográfico, dos recursos alimentares, da duração da vida e das riquezas. Assim este 'bio-poder' foi fundamental para o desenvolvimento do capitalismo, que só pode guinar através do conhecimento que o homem tem sobre o homem e do poder que é exercido quando se tem o conhecimento (saber/poder). Foi exigida uma docilização da sociedade. O desenvolvimento dos Estados garantiu a manutenção da produção, já instituições como família, escolas, medicina, exército atuaram no âmbito econômico e das forças produtivas; também na segregação e hierarquização social garantindo uma divisão desigual do lucro, tornando possível a execução do 'bio-poder'. Assim o conhecimento das regulações biológicas, sociais, históricas e geográficas do homem pelo homem faz com que haja um reflexo biológico no político. Logo o saber está intimamente ligado ao poder.

Durante o correr da história a postura da sociedade frente ao suicídio variou da admiração à condenação pelo ato. Algumas lendas gregas descrevem o suicídio como algo bom. A figura do suicida era envolvida de supertições, dizia-se que se uma grávida passasse perto do túmulo do suicida seu filho também suicidaria. Durante muito tempo a Igreja não teve uma postura crítica sobre o suicídio, Santo Agostinho e São Tomás de Aquino que definiram suicídio como pecado e como transgressão ao quinto mandamento. Na Idade Média o suicida era esquartejado, tinha os bens confiscados pela igreja e não tinha direito aos ritos funerais nem a enterro. Com o passar do tempo as regras e normas da igreja foram passadas para o governo que começou a condenar o suicídio e a caracteriza-lo como um crime, um desrespeito às órgãos disciplinadores, algo que teria que ser punido com severidade. A família dos mortos tinha os bens

²¹ FOUCAULT, Michel. História da Sexualidade. A Vontade de Saber. Vol. I. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

confiscados e quem tentava o suicídio pagava uma multa ao Estado. No século XIX o suicídio passou a ser visto como um ato de loucura, uma vez que filósofos e intelectuais questionaram a postura do Estado.

A violência contra si mesmo se concebe quando o indivíduo não consegue controlar seus instintos de morte. Todos seres humanos temos que extravasar nossos sentimentos de alguma forma agressiva. *A agressividade, se não neutralizada ou dirigida pelo instinto de vida, será insuportável e se manifestará ou para fora ou para dentro do indivíduo ou da sociedade.*²² Muitas pessoas liberam sua agressividade assistindo filmes ou praticando esportes violentos, outras brigam com seus parceiros, amigos e familiares, e ainda existem aquelas que direcionam a agressividade para o instinto de vida, todavia há algumas que não conseguem lidar com isso e sem vislumbrar solução para a situação em que se encontram, procuram na morte um porto seguro.

O suicídio é e foi visto de várias maneiras em diversas sociedades. No Japão samurais se suicidavam diante da derrota premente, em alguns países da Europa o corpo do suicida era exposto em praça pública, na Inglaterra os suicidas eram privados de cerimônias fúnebres, no Brasil, como em outras sociedades, cultiva-se o desprezo ao suicida, taxando-o como um fraco, covarde entre outros adjetivos.

De acordo com Durkheim,

*(...) em geral, as pessoas representam o suicídio como uma ação positiva e violenta que implica em emprego de força muscular, pode acontecer que uma atitude meramente negativa ou simples obtenção tenham um mesmo resultado. As pessoas tanto se matam por recusar alimentação como se destruindo por ferro e fogo. Nem mesmo é necessário que o ato emanado do paciente tenha sido antecedente imediato da morte para que esta seja considerada como efeito; a reação de casualidade pode ser indireta, e nem por isto o fenômeno muda de natureza.*²³

²² CASSORLA, Roosevelt M.S. O que é suicídio. São Paulo: Brasiliense, 1984. P. 20.

²³ DURKHEIM, Emille. O suicídio. Rio de Janeiro: Zahar, 1976. p.14

Sobremaneira, levaremos em consideração as formas mais agressivas e inesperadas, abruptas e violentas de se exterminar a vida. As mortes por fumo, álcool, drogas, uso de medicamentos em excesso, assim como de pilotos de corrida, boxeadores, enfim pessoas que se matam aos poucos ou tem consciência do seu real risco de morte, são consideradas suicídio, mas gostaríamos de salientar que estes não serão objetos desta pesquisa.

O suicídio como forma violenta e agressiva de exterminar a vida não se constitui num fator hereditário. Segundo Cassorla,

*o suicídio em si, não é um ato que contenha qualquer componente hereditário. No entanto, algumas vezes, o ato suicida deixa marcas mais ou menos profundas nos indivíduos que conviveram com o suicida, trazendo sofrimento e podendo, às vezes, levá-lo a pensar em repetir ato.*²⁴

Em consequência disto, há registros de casos de suicidas influenciados por membros da família e amigos, o que constata um agravamento da situação emocional das pessoas que conviveram com a vítima.

1.2 – OS POSSÍVEIS MOTIVOS

Segundo Cláudio Moojen Abuchaim e Ana Luiza Galvão Abuchaim²⁵, as pessoas podem tentar ou cometer suicídio por diversos motivos: numa tentativa de se livrarem de uma situação de extrema aflição, para a qual acham que não há solução; por estarem num estado psicótico, isto é, fora da realidade; por se acharem perseguidas, sem alternativa de fuga; por se acharem deprimidas, achando que a vida não vale a pena; por terem uma doença física incurável e se acharem desesperançados com sua situação; por

²⁴ CASSORLA, Roosevelt M.S. O que é suicídio. Brasiliense, São Paulo, 1984. p.9.

²⁵ <http://abcdocorposalutar.com.br/artigo.php?codArt=53>, em 17/08/2001.

serem portadores de um transtorno de personalidade e atentarem contra a vida num impulso de raiva ou para chamar a atenção.

Quando se ouve dizer que alguém suicidou a primeira pergunta que vem à tona é por que? O motivo que leva o homem a cometer o ato do suicídio desperta a curiosidade humana. Entretanto são gerais e muito variadas as razões pelas quais tira-se a própria vida. Segundo Cassorla:

*Não existe uma causa para o suicídio. Trata-se de um evento que ocorre com culminância de uma série de fatores que vão se acumulando na biografia do indivíduo, em que entram em jogo desde fatores constitucionais até fatores ambientais, culturais, biológicos, psicológicos etc. o que se chama causa é geralmente o elo final dessa cadeia.*²⁶

Isto significa que é preciso historicizar cada caso em cada lugar e tempo, conhecer a moral, os costumes, a economia, a religião, sendo fatores da sociedade para podermos traçar os motivos ou as possíveis causas de suicídio numa determinada sociedade.

²⁶ CASSORLA, R. M. S. Do suicídio. Estudos Brasileiros. São Paulo, Papirus, p. 20-21

II – O PERFIL DO SUICIDA UBERLANDENSE

*Um homem também chora
 Menina morena
 Também deseja colo
 palavras amenas
 Precisa de carinho
 Precisa de ternura
 Precisa de um abraço
 da própria candura
 Guerreiros são pessoas
 são fortes, são frágeis
 Guerreiros são meninos
 no fundo do peito
 Precisam de um descanso
 Precisam de um remanso
 Precisam de um sonho
 que os tornem refeitos
 É triste ver meu homem
 guerreiro menino
 com a barra do seu tempo
 por sobre seus ombros
 Eu vejo que ele sangra
 Eu vejo que ele berra
 a dor que tem no peito
 pois ama e ama
 Um homem se humilha
 se castram seus sonhos
 Seu sonho é sua vida
 e vida é trabalho
 E sem o seu trabalho
 o homem não tem honra
E sem a sua honra
se morre, se mata
 Não dá prá ser feliz,
 não dá prá ser feliz.*

2.1 – SUICÍDIO ENQUANTO PATOLOGIA SOCIAL

Diante dos processos crimes de suicídio começamos os fichamentos e sua quantificação. Utilizamos uma ficha produzida pelo GT- Violência que coletam dados como: cidade, estado, número do processo, ano, crime, local, nome do paciente e/ou vítima, motivo, hora, sexo, cor, idade, estado civil, grau de parentesco (quando se trata

de homicídio e indução ao suicídio), grau de escolaridade, nacionalidade, instrumento do crime, entre outros. Após o fichamento de todos os processos e inquéritos sobre suicídio, que se encontram no Centro de Documentação em Pesquisa em História (CDHIS), desta Universidade, compreendendo o período de 1924 a 1966. Percebemos que os dados não apresentavam todos os suicídios ocorridos na cidade no referido período. À procura de maiores informações recorremos ao Arquivo Público da cidade e pesquisamos três anos do jornal “A Tribuna”, de 1938 a 1940. Consta nos processos e inquéritos de Suicídio que ocorreram em 1939 dez suicídios consumados e duas tentativas de suicídio – ano de maior incidência do ato, entretanto no periódico encontramos apenas uma notícia de suicídio. Algo muito nos intrigou, encontramos em setembro de 1938 uma nota sobre uma carta recebida pela redação do jornal que vale a pena citar:

A propósito da última tentativa de suicídio havida nesta cidade, recebemos uma carta em que um amigo desta folha nos pede para não entrarmos em detalhes íntimos dos mesmos.

*Nós jamais procuramos noticiário escandaloso e jamais exploramos factos taes que consideramos uma infelicidade do nosso próximo neles envolvido, por isso mesmo dispensamos o conselho de um amigo, certos de que nenhuma missiva por mais dedicada e consciente nos fará tomar este ou aquele caminho, pois este encontra traçado em nosso programa e jamais do mesmo nos havemos de arredar, surja-nos os sacrificios que surgirem*²⁷.(sic)

Mesmo se mostrando fiéis aos preceitos do bom jornalismo e dedicados aos esclarecimentos dos fatos nota-se que seguiram o conselho do leitor, travando uma distância muito grande entre a realidade uberlandense e a realidade jornalística, que se distancia e prefere ignorar atos de resistência ao modelo de sociedade posto. A pesquisa em jornais da cidade tinha o objetivo de endossar a pesquisa, mostrar que em

²⁷ A Tribuna, 12/09/1938, Uberlândia, MG.

Uberlândia havia insatisfação, porém o jornal nesse momento não seria uma fonte que relataria o mal estar social.

Ainda com a intenção de traçar o número de suicídios ocorridos em Uberlândia no período que encontramos inquéritos e processos sobre o “crime”, procuramos órgãos que também são fontes de outras pesquisas.

O primeiro deles foi o IML (Instituto Médico Legal), onde ficamos algum tempo esperando no corredor para que algum funcionário nos atendesse, o descaso para com o pesquisador é muito grande, algum tempo depois, explicando nossa situação e mostrando que já tínhamos alguns dados a informação que obtivemos foi que por datar da década de 1970 o IML não teria informações de períodos anteriores. Partimos para o IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), conversamos com vários funcionários e ninguém sabia dizer sobre alguma pesquisa na cidade que relatasse o número de suicídios ocorridos. Conversei com muitos deles durante algum tempo e foi quando chegou o pesquisador mais antigo, que se lembrou de uma pesquisa feita sobre suicídio, mas não podia informar o que teria sido feito como os dados levantados, não estava no arquivo e ele também não se lembrava de que período se referia a pesquisa. Mais uma vez ficamos de mãos atadas.

Então procuramos a Secretaria Municipal de Saúde, que também quantifica os crimes e arquiva-os digitalmente em planilhas, lá após conversar com muitas pessoas, característica da burocracia, fui encaminhada para a profissional responsável pela quantificação e arquivamento dos números. A princípio ela disse que teria todos eles registrados e arquivados, o que nos deixou bastante contentes, mas ao perguntar sobre o recorte histórico que abrangia os dados fiquei sabendo que a Secretaria de Saúde foi criada na década de 1980, portanto os dados de que ela dispunha era de 1986 em diante.

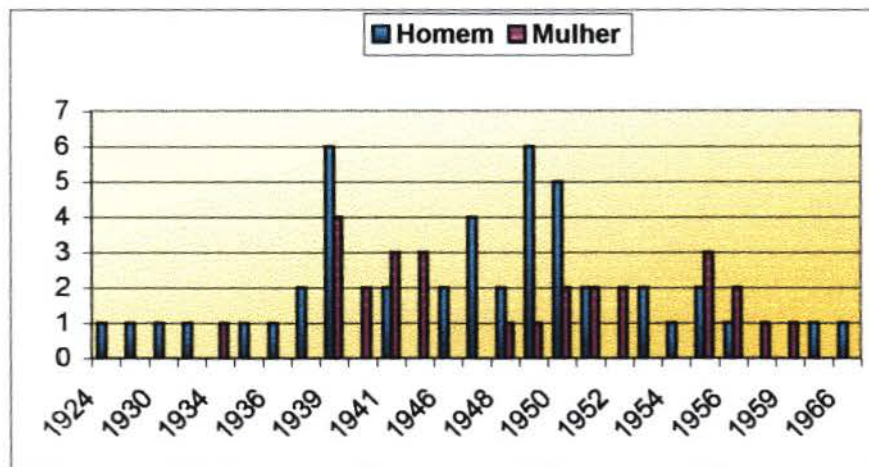
Partindo para a última tentativa e última fonte de pesquisa conhecida no âmbito do suicídio fomos ao Cartório de Registro Civil do município em busca dos Atestados de Óbito. Por se tratar de um órgão privado já sabíamos que a viabilização da pesquisa seria mais complicada. Conversamos com seu proprietário que a princípio colocou algumas barreiras para a pesquisa no local, alegando que teria que disponibilizar um de seus funcionários para nos acompanhar durante a pesquisa uma vez que se tratava de uma documentação muito antiga e de muito valor e que seria necessário alguém para nos monitorar durante a pesquisa. Como se como historiadores não soubéssemos manusear de forma adequada uma documentação e que utilizaríamos os dados encontrados para outros fins e de forma ilícita. Enfim com uma carta de apresentação de nossa orientadora voltamos ao estabelecimento que desta vez foi mais maleável e pediu para que voltássemos no mês seguinte pois agora não poderia disponibilizar um funcionário, pois um deles estava de férias e a outra de licença maternidade. No mês seguinte voltamos lá e pesquisamos alguns atestados de óbito sem sucesso pois o que vem no documento é que o indivíduo tal, morreu enforcado no dia tal, não sendo possível saber se ele morreu enforcado por alguém ou se se enforcou. Depois de todas as tentativas que nos foram possíveis, voltamos aos processos crimes e inquéritos policiais sobre o crime que já havíamos fichado e começamos a traçar o perfil do suicida uberlandense, com base nessa única fonte.

Segundo Paiva²⁸, no Brasil até o ano de 1962, foram colhidos dados que somam 29.446 suicídios. O que exclui a cidade de Uberlândia, uma vez que o IBGE da cidade não possui dados sobre o referente tema, os processos crimes e inquéritos policiais estão sendo pesquisados pela primeira vez e outros órgãos não realizaram a pesquisa. Tudo isso faz com que as estatísticas não sejam confiáveis, primeiramente por esse

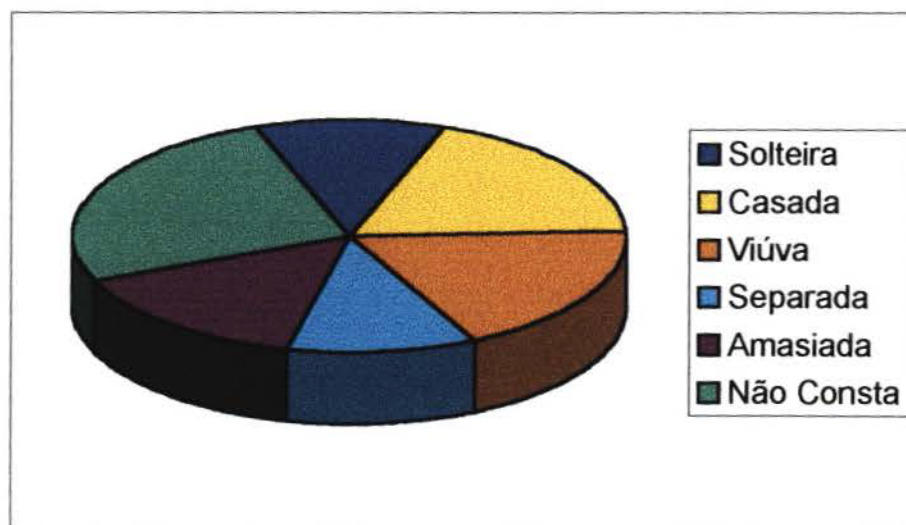
²⁸ PAIVA, L.M. Depressão e suicídio. Tanatismo psicanálise psicossomática. Vol 2. Rio de Janeiro: Imago, 1982.

motivo e por outros como a pressão exercida pela religião que considera o suicídio um **pecado** e sendo assim algumas famílias escondem o fato da sociedade, bem como falta de organização dos dados no Brasil e falta de políticas públicas que tratem o suicídio com o devido valor e que avaliem os casos ocorridos e as tentativas . Segundo o autor, no período de 1894 a 1962 no Brasil ocorreu mais suicídio entre homens, com exceção de Recife (PE). Pesquisando a documentação encontrada na cidade foram encontrados em Uberlândia de 1924 a 1966, 45 suicídios masculinos consumados e 27 femininos. O recorte cronológico foi devido ao período que existe a documentação no GT de Violência do CDHIS , órgão da Universidade Federal de Uberlândia, uma vez que podem haver outros processos que ainda estão sob a custódia do Fórum Abelardo Pena. Paiva aponta o maior número de suicidas de cor branca no Brasil e Uberlândia segue as estatísticas com 27 brancos entre os 72 suicídios consumados, sendo que em 20 casos não consta a cor do suicida. Com relação ao estado civil a maior frequência no Brasil foi dos solteiros, enquanto em Uberlândia foram os casados, predominando o suicídio por ingestão de substância tóxica (40) pessoas (cianureto de potássio, soda cáustica entre outros).

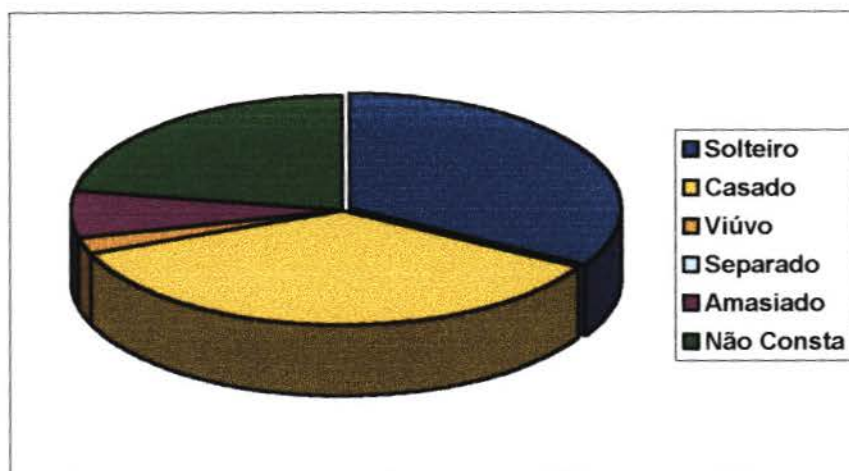
Número de suicídios em Uberlândia 1924-66



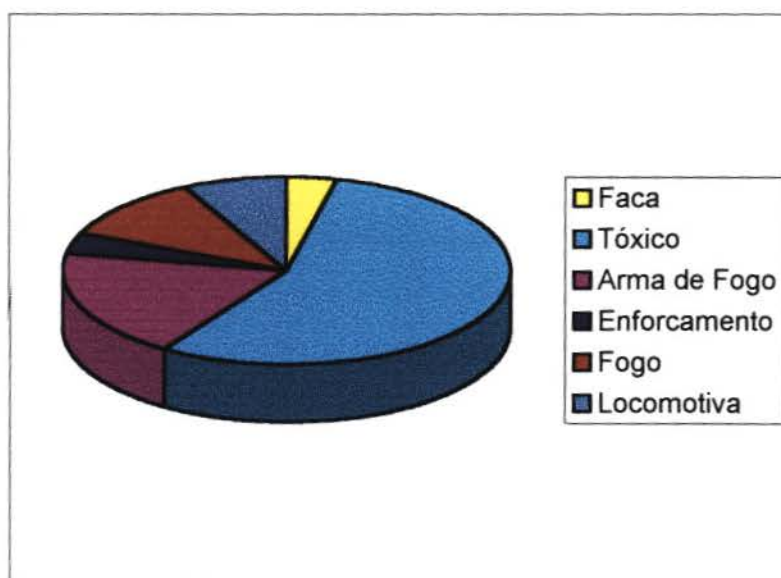
Quanto ao estado civil das suicidas



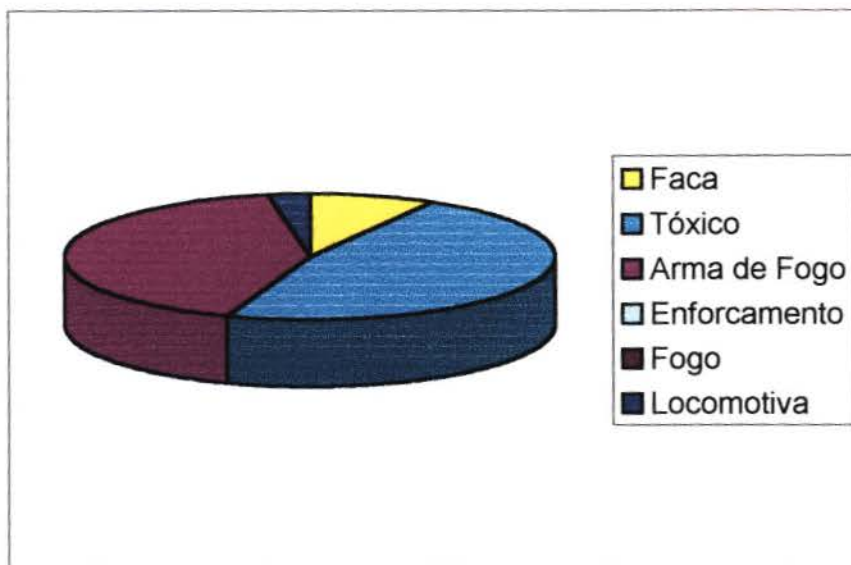
Quanto ao estado civil dos suicidas



Quanto ao instrumento utilizado pelas mulheres

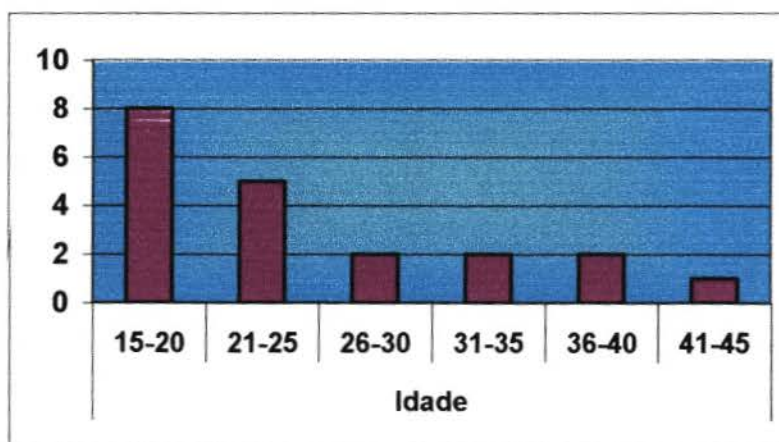


Quanto ao instrumento utilizado pelos homens

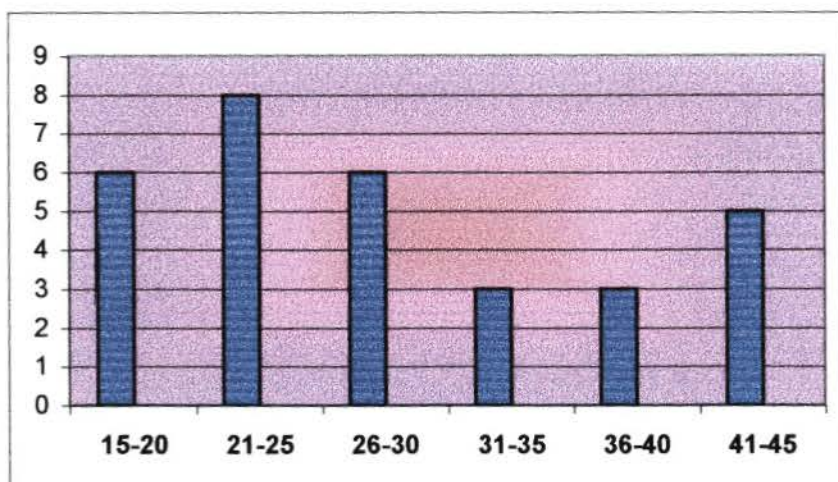


Os suicídios em Uberlândia de 1924-1966 aconteceram em sua maioria durante o dia somando 43 mortes. Entre as mulheres a faixa etária predominante foi de 15 a 25 anos com 13 mortes e a faixa etária masculina de 15 a 30 anos com 20 mortes. Não havendo índices referentes a suicídios de crianças nesta cidade.

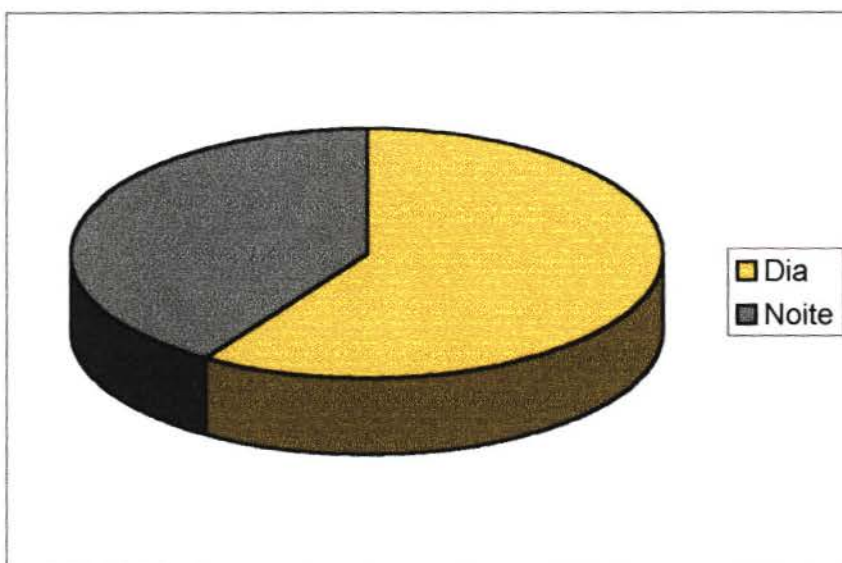
Quanto à idade das suicidas



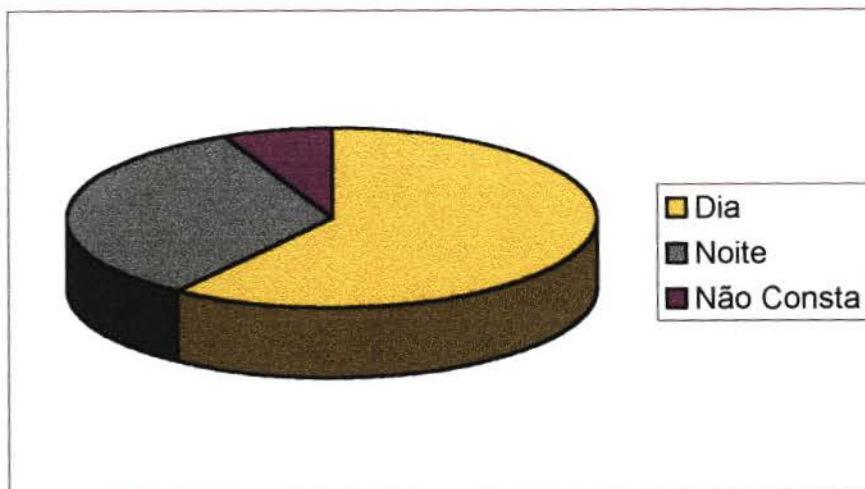
Quanto à idade dos suicidas



Quanto ao horário que as mulheres suicidaram



Quanto ao horário que os homens suicidaram



De acordo com Paiva a curva de suicídio teve ascensão no Brasil na II Guerra Mundial até o ano de 1942. Em Uberlândia pode-se observar aumento do número de suicidas no ano de 1939, somando 10 suicídios consumados e 2 tentativas. Assim erros na educação na infância, traumas na infância são importantes para a construção de um ser humano com tendências suicidas, pois estes exacerbam as manifestações do instinto de morte já existente; velhice, solidão, desestímulos vitais fazem com que os instintos de morte presentes em todos os seres humanos se manifestem.

Todos temos instinto de morte, segundo Roosevelt Cassorla cabe a nós controlá-lo ou direcioná-lo para o instinto de vida, caso contrário resta o suicídio. Alguns extravasam seus instintos de morte, isto é, a violência que cada um tem em si, assistindo lutas de boxe, corridas de carro, outros praticam esportes considerados perigosos, ainda há os que têm câncer, doenças psicossomáticas e finalmente os que se suicidam.

A busca incessante das causas da violência contra si mesmo leva muitos pesquisadores a perguntarem se ela é cultural, genética ou produto do meio. Paiva mostra que a racionalidade humana não explica muito bem o suicídio uma vez que

a grande diferença do aparelho mental do homem [em relação ao do animal] é mais questão de grau que de espécie. O instinto de conservação é mais importante de todos. Os animais como a maioria dos homens, vivem e “querem viver” sem saber por que e nem para que, automaticamente. Os animais têm certa inteligência, porém não podemos admitir com segurança, se tem capacidade de perceber a aproximação da morte, nem sobretudo, se utilizam meios capazes de produzi-la. Contudo (...) Aristóteles refere que o rei Seytha forçou admirável égua a ser coberta por garanhão, por sua própria cria. Terminada a cobertura a égua saiu correndo e precipitou-se do alto de um rochedo (...) um roedor leming em períodos de superpopulação e subnutrição realiza marcha migratória letal que se encerra mediante afogamento no mar. As cobras do Butantã não comem em cativeiro²⁹

Isto não quer dizer que os animais sejam racionais e nem que os atos suicidas humanos sejam irracionais, e sim que existe algo em comum nos seres vivos que possuem instintos de morte em exagero.

Segundo o site Aminoal Zoom, que relata alguns casos de suicídio entre animais:

De todos os casos de suicídio animal já registrados, um chama a atenção pela quantidade de animais mortos, pela espécie que foi acometida e principalmente, pelo momento no qual o caso se deu. Em 1870, durante uma nevasca, em pleno dia, aproximadamente 100.000 bisões, como são chamados os búfalos americanos, caminharam em fila até despencarem de um penhasco de 1.000 metros de altura sob os olhares incrédulos de uns poucos caçadores. Seus corpos cobriram o fundo do desfiladeiro formando uma mórbida pilha de 300 metros de altura³⁰.

Assim pode-se perceber que o aspecto racionalidade não é ponto fundamental da distinção no suicídio entre homens e animais, apesar das poucas pesquisas feitas entre os animais. Portanto, se a grande diferença entre homens e animais é a capacidade de raciocinar o enigma suicídio fica cada vez mais difícil de ser desvendado já que traça-se pontos em comum entre ambos.

²⁹ PAIVA, L.M. Depressão e suicídio. Tanatismo psicanálise psicossomática. Vol 2. Rio de Janeiro: Imago, 1982, p.70.

³⁰ <http://www.aminoalzoom.org/port/bisao.htm>, em 24/07/2002.

Já pelo viés da medicina e da hereditariedade Cassorla refuta a hipótese dizendo que o suicídio não é hereditário,

o suicídio, em si, não é um ato que tenha qualquer componente hereditário. No entanto, algumas vezes, o ato suicida deixa marcas mais ou menos profundas nos indivíduos que conviveram com o suicida, trazendo sofrimento e podendo, às vezes, levá-lo a pensar em repetir o ato.³¹

Outros pesquisadores procuram desvendar essa violência através da cultura. Sabe-se que em todas as culturas o suicídio está presente, seja o suicídio do samurai japonês diante da derrota, seja o do negro no navio negreiro sabendo que iria se tornar escravo, seja o do índio ao perceber que estava sendo aculturado pelo branco, seja uma comunidade inteira por motivos religiosos, seja os suicídios de 1929 nos Estados Unidos por questões financeiras, quando muitos empresários pularam de edifícios ao ficarem sabendo que suas ações estavam desvalorizadas ou que tinham perdido muitos investimentos, o fato é que o suicídio está presente em todos os lugares pelos motivos mais distintos. Segundo Vergely:

quando se trata de justificar a sua própria violência, certos grupos ou certos países não hesitam em clamar alto e bom som: “É a nossa cultura”. Para abafar o sofrimento de certas vítimas e para tornar toda violência contemplável, a cultura tornou-se argumento par todo serviço que permite tornar tudo respeitável. Ontem recorria-se ao fatalismo e à natureza das coisas a fim de justificar a inevitabilidade da violência. Hoje recorre-se à cultura. Assim em nome de respeito das culturas, da tolerância e do direito à diferença, da antropofagia ou dos castigos corporais passam da condição de delitos ao de costumes locais.³²

O auto-extermínio vem para diminuir o sofrimento, a dor e a angústia que a pessoa se encontra. Para alguns pode parecer banal o motivo que levou L.C. a se suicidar em Uberlândia no ano de 1949, segundo depoimento de sua esposa ele matou uma galinha

³¹ CASSORLA, R. M. S.O que é suicídio?. São Paulo: Brasiliense, p.07.

³² VERGELY, B. O sofrimento. Trad. Maria Leonor Loureiro. Bauru, SP: Edusc, 2000. P.146.

de sua propriedade, porém o estampido da espingarda de chumbo assustou a esposa de seu vizinho que estava de resguardo, este prestou queixa na polícia, que notificou L.C. a prestar esclarecimentos,

*(...) que apesar de seu esposo pedir desculpas alegando que ignorava o estado de saúde da mulher de C., este não levando em consideração seu pedido, vêm à polícia denunciá-lo; que seu esposo foi notificado e veio à delegacia, onde se explicou, que algumas horas depois seu esposo chegou em casa chorando e dizendo que pela primeira vez foi chamado à delegacia e ainda por motivo fútil e que seu vizinho C. desconsiderando-o desta forma seria responsável por sua morte, isto dizendo lança mão de uma lata de formicida (...).*³³

L.C. era lavrador, 42 anos, moreno, ingeriu formicida Tatu. Desta maneira o sofrimento é relativo no sentido de que as pessoas não têm a mesma maneira de suportar os acontecimentos. Também não se sofre da mesma maneira, mudanças ocorrem de um lugar para outro, de uma classe social para outra. Há uma certa ingenuidade ao crer que o suicídio é a solução para todos os problemas e que é uma forma de liberdade. Segundo Vergely: *Quase sempre aqueles que se suicidam são tudo, menos livres, acuadaos como estão pela depressão e pelo desespero.*³⁴

2.2 Diagnóstico do suicídio em Uberlândia – caso a caso.³⁵

Pode-se perceber no entanto que os motivos que levam um indivíduo ao suicídio são os mais diversos e imprecisos. O suicida uberlandense do período estudado é de uma classe social menos favorecida uma vez que apesar de não constar no processo sua condição financeira é possível diagnosticar seus atos por meio do relato das

³³ Inquérito Policial sem número, 1949, Centro de Processos do Jurídico, UFU, fl.5A.

³⁴ VERGELY, B. O sofrimento. Trad. Maria Leonor Loureiro. Bauru:Edusc, 2000, p.155.

³⁵ Todos esses processos se encontram no GT-Violência, CDHIS/UFU. Alguns não estão numerados e se encontram separados por décadas.

testemunhas. Muitos deles estavam passando por uma situação difícil seja ela financeira, sentimental, de inserção social, entre outros.

Segundo a fala de réus e testemunhas podemos delinear a situação e os motivos que levaram essas pessoas à morte, bem como a situação em que se encontravam.

- F. S., sexo masculino, 35 anos, empregado de uma confeitaria, branco, instrumento: projétil de arma de fogo, suicidou-se em 1924. Segundo o proprietário da confeitaria que ele trabalhava: (...) *que não tem certeza de qual tenha sido o motivo que levou S. a suicidar-se, sabendo apenas que S. vivia sempre em desavença com sua esposa.*
- J. V., sexo masculino, instrumento: projétil de arma de fogo, matou sua amante e se matou em 1926. Segundo uma amiga da amante do suicida: (...) *que a vítima tinha dois amantes – C. de tal e J. V.. Que no dia vinte (...) a vítima propôs a J. V. ficar marcado um dia de cada semana para as suas visitas, a fim de que não se encontrassem (...) J. V. ficou aborrecido (...).*
- O. L. A, 29 anos, sexo masculino, lavrador, casado, instrumento: arma de fogo, matou a amásia e suicidou-se em 1930. Segundo os autos: *Em Monte Alegre, comarca de Uberlândia, achavam-se os soldados J. S. e O L.A, com as respectivas amásias M.B.S. e M. U. J.. J. S. convidou ele O para matarem as amásias. Ele, O. não aceitou o convite. O certo é que depois de morto J. S. (que matou a amásia e suicidou-se) e quando na casa só se achavam O e M. U.- foram ouvidos dois tiros. Diz U. que foi O. que os deferiu contra ela com a mesma arma de J. S.*
- L.S.C., sexo masculino, 22 anos, cor parda, solteiro, instrumento: projétil de arma de fogo, suicidou-se em 1933. Segundo os autos: (...) *que L. era meio perturbado da idéia, e por isto a depoente pensa que ele tinha se alucinado com*

as dores de dente e se suicidado, que L. não tinha nenhuma inimizade naquelas redondezas.

- J.D. P., sexo masculino, 25 anos, lavrador, casado, instrumento: Strychinina, suicidou-se em 1935. Segundo os autos: (...) *que J. era casado há poucos meses e tinha boa convivência com sua esposa, que J.D. queixava-se sempre sofrer do estômago.*
- R. V. F., sexo masculino, moreno, instrumento: arma de fogo, suicidou-se em 1936. Segundo os autos: (...) *que R. vivia em completa harmonia com sua irmã e cunhado, em cuja casa tem também duas filhas menores, que R. viva separado de sua esposa há um ano mais ou menos, e essa sua esteve na cidade nos primeiros dias de setembro, mas não pode informar se R. avistou com sua esposa durante os dias que aquela permaneceu nesta cidade.*
- P.M., sexo masculino, 50 anos, comerciante, branco, alfabetizado, casado, instrumento: formicida Tatu. Suicidou-se em 1938 e deixou uma carta. Segundo os autos: (...) *que não houve nenhum motivo, presume ele estava perturbado do juízo, por motivo que a depoente também ignora.*
- R. H., sexo masculino, 26 anos, comerciário, branco, alfabetizado, casado, instrumento: arma de fogo. Atirou em sua amante e suicidou-se em 1938. Segundo os autos: (...) *que D. e H. eram amantes e H. era muito ciumento.*
- J.A.S., sexo masculino, 86 anos, lavrador, branco, alfabetizado, viúvo, instrumento: formicida Tatu. Suicidou-se em 1939. Segundo os autos: *Que há mais de quatro anos seu pai vinha com idéias de suicídio, dizendo que não tolerava a velhice, que o depoente sabia das intenções de seu pai, e desviava constantemente de tal idéia e aconselhava não cometer o ato, sendo que ele obedecia, mas nunca desistindo da idéia (...).*

- J.G., sexo masculino, 40 anos, chauffeur, proprietário, moreno, alfabetizado, instrumento: veneno ingerido. Suicidou-se em 1939 e deixou uma carta. Segundo os autos: (...) *que presume tratar-se de um suicídio, porém não sabe atribuir qual seja a causa do mesmo, sabendo entanto que ele achava-se adoentado e também bastante atacado do estado nervoso.*
- F. H., sexo masculino, instrumento: formicida Tatu. Suicidou-se em 1939. Segundo os autos: (...) *que de um ano a esta parte vem sempre com idéias de suicídio, tendo tentado por duas vezes dar cabo na vida (...).*
- O.P.V., sexo masculino, instrumento: formicida Tatu. Suicidou-se em 1939. Segundo os autos: (...) *estava desempregado.*
- G.S., sexo masculino, 17 anos, branco, instrumento: arma de fogo. Suicidou-se em 1939 e deixou uma carta para sua amada.
- J.J.M., sexo masculino, leiteiro, casado, instrumento: Cianureto de Potássio. Suicidou-se em 1941. Segundo os autos: (...) *que seu marido queixava-se continuamente do seu precário estado de saúde, porém nunca lhe disse nem ao menos vagamente que pretendesse se suicidar algum dia (...) que nada declarou seu marido antes de morrer, atribuindo a razão do seu gesto a um momento de desespero pela situação em que se encontrava com saúde debilitada e sem serviço que lhe garantisse a sobrevivência própria e dos seus.*
- N.H., sexo masculino, 21 anos, comerciário, moreno, alfabetizado, solteiro, instrumento: formicida Tatu. Suicidou-se em 1941. Segundo os autos: (...) *que o depoente foi ontem cerca de 19:30 horas na casa de N. , a fim de ouvir o noticiário de guerra pelo rádio, ali encontrando na sala uma lata de formicida (...).*

- A.M.G., sexo masculino, instrumento: formicida Tatu. Suicidou-se em 1946, o processo consta de 5 fotos e uma carta, seu irmão e sua mãe se suicidaram. Segundo os autos: (...) *que seu marido estava desempregado há seis meses (...) que seu marido estava contente, que este nunca manifestou ciúmes, (...) que a mãe de seu marido suicidou (...) que seu marido em solteiro ingeriu essa droga, veneno, que logo depois de casado tomou strichinina.*
- A.A.R., sexo masculino, 25 anos, fazendeiro, branco, solteiro, instrumento: arma de fogo. Suicidou-se em 1946. Segundo os autos: (...) *que o paciente era um rapaz empreendedor, de uma disposição admirável para o trabalho, até que há cinco anos atrás foi surpreendido por um terrível reumatismo, postando-o em casa até esta data. O rapaz lastimava diariamente essa sua situação e toda vez que via os de casa partirem para o trabalho, ficava em estado desesperador (...).*
- D.S., sexo masculino, 20 anos, operário, branco, solteiro, instrumento: formicida Tatu. Suicidou-se em 1947. Segundo os autos: (...) *que a noiva de D., não vinha correspondendo condignamente o seu afeto, (...) que o pai de sua namorada havia castigado-a por querer casar com D. (...).*
- F. A.M., sexo masculino, 22 anos, comerciário, branco, solteiro, instrumento: arsênico (pó). Suicidou-se em 1947. Segundo os autos: (...) *e era estimado de todos (...) que este rapaz não combinava com sua madrastra e vivia desligado da família (...) e gastando muito dinheiro com médico e remédio, que os demais irmãos estudavam e tinham conforto e a vítima ao contrário pagava 250,00 mensais de pensão à sua avó (...).*
- J. V.C., sexo masculino, 37 anos, lavrador, negro, casado, instrumento: navalha. Matou sua esposa e se suicidou em 1947. Segundo os autos: (...) *que tanto J.*

com sua esposa A. eram trabalhadores nunca tendo o depoente assistido nem sabido de nenhuma desavença entre o casal (...).

- J. G. S., sexo masculino, 45 anos, fazendeiro, branco, casado, instrumento: arma de fogo. Suicidou-se em 1947. Segundo os autos: (...) *que seu pai, possuidor de um temperamento calmo, cumpridor dos seus deveres, era homem destituído de vícios de qualquer espécie, que reinava em casa entre ele, esposa e filhos a melhor harmonia possível, que era ótima a situação financeira, gozando ele de boa saúde, pois era relativamente moço (...) que seu pai fechou negócio de vendo do sítio a G. M. (...) seu pai preferiu deixar de existir a dizer a seu comprador que não realizaria o negócio efetuado.*
- O.C., sexo masculino, 41 anos, ourives, branco, alfabetizado, casado, instrumento: Cianureto de potássio. Suicidou-se em 1948. Segundo os autos: (...) *que seu marido não tinha vícios e sempre foi trabalhador, que há seis anos seu marido tornou-se amante de uma mulher de nome D. A., vulgo N., a quem devotava todo seu tempo e simpatia, quando as coisas corriam bem O. estava contente, se por ventura faltava dinheiro, ele ficava desesperado, pois a dita mulher lhe exigia sacrifícios, que O. dizia que se acaso tal mulher lhe abandonasse ele suicidaria (...).*
- G.M., sexo masculino, 42 anos, fotógrafo, viúvo, instrumento: faca de cozinha. Suicidou-se em 1948. Segundo os autos: (...) *que seu irmão, além de ser epilético, usava bebidas alcoólicas constantemente, que já em 18 de setembro de 1929 o mesmo tentou suicidar (...), tanto seu irmão quanto sua esposa tentaram suicídio (...).*
- L. C., sexo masculino, 42 anos lavrador, moreno, instrumento: formicida Tatu. Suicidou-se em 1949. Segundo os autos: (...) *que seu esposo não tinha vícios de*

espécie alguma, era muito controlado em seus negócios, trabalhador, tinha verdadeira dedicação pela declarante e seus 8 filhos (...).

- J.B., sexo masculino, 23 anos, lavrador, moreno, solteiro, instrumento: arma de fogo. Suicidou-se em 1949. Segundo os autos: *(...) que J. B. era homem trabalhador e sem vícios, que não sabe explicar o que se passava entre ele e Idalina (...).*
- L.C., sexo masculino, 19 anos, branco, alfabetizado, solteiro, instrumento: arma de fogo. Suicidou-se em 1949. Segundo os autos: *(...) que este de vez em quando entrava e saía na casa de Flausina (meretrício), tia da depoente, que ante ontem L. chegou ali pela manhã e passou o dia bebendo em companhia de outras mulheres (...).*
- F.V. S., sexo masculino, 30 anos, lavrador, pardo, casado, instrumento: formicida Tatu. Suicidou-se em 1949. Segundo os autos: *(...) que seu irmão era muito trabalhador, cumpridor dos seus deveres e gozava de um bom conceito nesta cidade, que era casado há 15 anos e sempre viveu bem com sua esposa, que sendo esta trabalhadora, honesta, exemplar mãe de família (...).*
- T. F. F., sexo masculino, 63 anos, branco, analfabeto, solteiro, instrumento: faca. Suicidou-se em 1949. Segundo os autos: *(...) que seu tio sofreu em criança meningite e por essa razão nunca teve lucidez de espírito completa, razão que não aprendeu a ler e não exercia profissão alguma a não ser quase que doméstica, que ultimamente seu tio apresentou-se com uma moléstia declarada muito grave por vários médicos locais, de origem cardiológica, que apesar de medicado convenientemente o mesmo não dormia há 60 dias e impressionou-se imensamente com a morte e passava horas e escutar seu coração etc, que*

ultimamente se impressionava até com os aviões que transitavam por esta cidade e sempre falando da morte com muito receio (...).

- J.M.S., sexo masculino, 70 anos, lavrador, branco, viúvo, instrumento: arma de fogo. Suicidou-se em 1950. Segundo os autos: *(...) o paciente não trabalha, mas era tratado pelos filhos que o estimavam (...), quando tinha qualquer contrariedade na vida prometia suicidar-se, não usava bebidas alcoólicas (...).*
- M.P.S., sexo masculino, lavrador, moreno, casado, instrumento: formicida. Suicidou-se em 1950. Segundo os autos: *(...) seu pai pediu à declarante que cantasse a moda de viola, Chico Mineiro, e como a declarante estivesse cansada recusou atender o pedido, em vista disso ele foi até a casa de O. S., apanhou uma porção de formicida e ingeriu (...).*
- G. C., sexo masculino, 18 anos, moreno, solteiro, instrumento: formicida Tatu. Suicidou-se em 1950. Segundo os autos: *que a vítima nunca manifestou idéias de suicídio, não obstante o progenitor do mesmo ter também suicidado, com formicida Tatu.*
- M.V., sexo masculino, 19 anos, comerciante, moreno, solteiro, instrumento: tóxico. Suicidou-se em 1950 e deixou uma carta.
- J.V., sexo masculino, casado, instrumento: formicida Tatu. Suicidou-se em 1950. Segundo os autos: *(...) M. C., esposa de J. V., procedia de modo irregular na qualidade de uma senhora casada, chegando mesmo por várias vezes dizer que detestava J., e gostava era de um outro homem, cujo nome nunca disse (...).*
- J.G. P., sexo masculino, 26 anos, cozinheiro, moreno, solteiro, instrumento: formicida Tatu. Suicidou-se em 1951. Segundo os autos: *(...) que era um rapaz bem educado, de temperamento muito alegre e sem vícios (...) que o paciente era dançarino.*

- J.R., sexo masculino, 51 anos, pedreiro, branco, casado, instrumento: formicida Tatu. Suicidou-se em 1951. Segundo os autos: (...) *que seu esposo dois meses após o casamento tentou suicidar, que durante esse período de vida conjugal inúmeras vezes tentou fazer o mesmo, através de eletricidade, veneno e faca, que sempre foi bom chefe de família, no entanto bebia com excesso de sorte, que tinha o sistema nervoso abalado (...).*
- J.T., sexo masculino, 24 anos, transportador de cargas, branco, alfabetizado, solteiro, instrumento: arma de fogo. Suicidou-se em 1953. Segundo os autos: (...) *já que J. não podia pagar todas as contas, a declarante disse-lhe que o receberia somente três vezes por semana, a fim de que pudesse fazer a vida nos demais dias, que João desde que recebeu essa informação da declarante não mais voltou à pensão de J. C., (...), que ontem J. foi até a referida Pensão e ao quarto da declarante (...) que em seguida J. perguntou se a declarante não iria viver mais com ele (...) que a declarante manteve o que dissera e subitamente ouviu um disparo de arma de fogo (...).*
- W. C., sexo masculino, 26 anos, comerciante, branco, casado, instrumento: arma de fogo. Suicidou-se em 1953. Segundo os autos: (...) *que este rapaz desde criança foi controlado obediente e bom, que cresceu e continuou da mesma forma, que casou e controlava a vida de maneira admirável gastando sempre menos que ganhava, que gozava da amizade de todos, não tinha dificuldades na vida, feliz em seus negócios, feliz com sua esposa e filhos, que a única coisa que seu filho mal se conduzia era que não deixou a vida boêmia, (...) que agora ouviu dizer que W. tinha uma cólica de rins e foi socorrido na casa de F., mulher com quem mantinha relações sexuais, que na madrugada na madrugada*

do dia 24 deste mês suicidou, dizem que sofreu essa cólica na casa desta mulher e não quis assistência médica (...).

- J.D.P., sexo masculino, 35 anos, branco, instrumento: formicida. Suicidou-se em 1954. Segundo os autos: *(...) que durante a vida conjugal foi bom esposo, dedicado, trabalhador e bom chefe de família, que 3 anos a esta data o esposo começou a beber e levar uma vida descontrolada, sendo que a declarante através de comentários e boatos ficou sabendo que o mesmo havia arranjado uma amante e desde então se transformou a sua vida conjugal, visto que seu esposo começou a usar bebidas alcoólicas e modificou em tudo sua conduta de chefe de família, que nestas fases de bebedeiras e ressacas, nestas ocasiões ele revelava idéias tumultuosas, vontade de suicidar etc. (...).*
- J.M., sexo masculino, 49 anos, alfabetizado, casado, instrumento: soda cáustica. Suicidou-se em 1955. Segundo os autos: *(...) casou-se religiosamente agora e era meio fraco da cabeça, sabia ler e escrever, por esse motivo sua esposa tomou a rédea da casa, ver direção de tudo (...) o seu irmão ali dentro como um fantoche, que este se desgostou (...).*
- J. G. N., sexo masculino, lavrador, negro, casado, instrumento: veneno. Esfaqueou sua esposa e suicidou-se. Segundo os autos: *(...) que a mulher tinha sido esfaqueada pelo marido e este tinha tomado veneno lá para o mato. Que seu marido achava-se meio adoentado da vida, então resolveram a vir para esta cidade a fim de fazer um tratamento (...). (...) que o casal em conseqüências de intrigas vinha vivendo descombinados, pois há 15 dias a declarante foi chamada na roça para dar conselhos (...).*
- J.P., sexo masculino, 30 anos, moreno, solteiro, instrumento: formicida. Suicidou-se em 1956. Segundo os autos: *(...) visto que um deles dizia que J.P.*

havia subtraído uma bicicleta do mesmo, que J.P. disse entre outras coisas que J., vulgo Z. o havia pegado pelo colarinho da camisa, ameaçando-o (...) eis que seu irmão J.P. (...) disse: “Por causa disto eu suicido”.

- J.B.D, sexo masculino, 32 anos, padeiro, branco, casado, instrumento: cianureto. Envenenou seus quatro filhos e Suicidou-se em 1960. Segundo os autos: *que o esposo da declarante sempre foi um homem temperamental, sofrendo horrivelmente do sistema nervoso e suas crises nervosas sempre manifestava o desejo de suicídio, chegando mesmo a dizer que quando lhe faltasse qualquer coisa, poria termo a sua própria existência e de seus familiares (...) que a declarante ao aproximar-se de seu esposo, este disse-lhe alto e bom som, tentando lhe abraçar: “Cumprir o meu gosto, e o meu desejo, os seus filhos estão mortos”.*
- M. C. G, sexo masculino, entre 40 e 45 anos, amasiado, instrumento: Aldrim. Assassinou sua amásia e suicidou-se em 1966. Segundo os autos: *(...) quando M. apareceu em sua casa, durante a noite, um tanto alcoolizado, e revelou que estava muito aborrecido com sua amásia M. A. S. e exibindo-lhe uma faca tipo peixeira, disse-lhe que iria dar um fim nela, que o depoente não acreditou na conversa de M., pois pensou que estivesse brincando (...).*
- A.R., sexo feminino, amasiada, instrumento: arma de fogo. Suicidou-se em 1934. Segundo os autos: *(...) que A. era mulher dada a ataques nervosos, mas nunca manifestou ao depoente intenção de suicidar-se.*
- A.P., sexo feminino, 20 anos, doméstica e meretriz, negra, analfabeta, amasiada, instrumento: querosene e fogo. Suicidou-se em 1939. Segundo os autos: *Que A.P. mora na casa da depoente há uns 20 dias mais ou menos, sendo que ela é amasiada com J.F.O, que há muitos dias A. vem manifestando desejo de*

suicidar-se tendo tentado suicidar-se na linha férrea, tendo sido impedida por G.F., que apesar dessa tentativa de suicídio A. nunca lhe disse o motivo (...).

- A.F., sexo feminino, 20 anos, morena, instrumento: arma de fogo. Suicidou-se em 1939. Segundo os autos: *(...) que há uns seis dias mais ou menos, A. ao regressar da cidade, foi a casa do depoente, ali contou que havia sido agredida quando ia da cidade para sua residência, por um indivíduo de cor morena escura o qual lhe havia agarrado e jogada no chão, e por isso ela A. queria suicidar-se, pois achava-se muito contrariada com tal fato (...).*
- R. S. S., sexo feminino, 22 anos, doméstica, morena, alfabetizada, casada, instrumento: ingestão de sal arsênico. Suicidou-se em 1939. Segundo os autos: *Que era casado há 5 anos vivendo bem apesar de ser sua esposa um tanto nervosa, que o declarante devido à sua ocupação, constantemente vive em viagens, sendo que ao regressar, ela devido ao estado nervoso de que era acometida, dizia que a vida um dia, suicidava, que desde solteira sua esposa já vinha com idéias de suicídio (...).*
- C. F., sexo feminino, 15 anos, instrumento: arma de fogo. Suicidou-se em 1939. Segundo os autos: *(...) que desde há anos sua filha C. já vinha com idéias de suicídio, ora ela dizia que tomou veneno ou dando um tiro no ouvido de modo que o declarante já esperava por esse desfecho, a qualquer hora (...).*
- A.C.P., sexo feminino, 30 anos, branca, viúva, instrumento: arma de fogo. Suicidou-se em 1940. Segundo os autos: *(...) verificando-se nesta ocasião uma discussão ligeira entre o declarante e A., que A. chegou muito nervosa, que o declarante dirigiu-se para a cozinha e A. para o quarto (...) minutos depois da discussão estava jantando sozinho, ouviu um estampido de tiro no quarto (...)*

que o declarante vivia maritalmente com ela há um ano mais ou menos. Que A. desde solteira vinha com idéias de suicídio (...) que viuviu-se há 4 anos.

- A.F., sexo feminino, meretriz, instrumento: oxianureto. Suicidou-se em 1941. Segundo os autos: (...) *viajou para Ituiutaba a fim de visitar uma sua irmã, ao que parece para se despedir desta última, pois que desde a morte de P. F., seu amante, B. decidiria suicidar-se, sendo preciso a depoente esconder o veneno que a mesma tinha na pensão (...).*
- M. F., sexo feminino, amasiada, instrumento: Mata rato Ideal. Suicidou-se em 1941. Segundo os autos: (...) *que conheceu A.C.C., há 3 anos mais ou menos, vivendo maritalmente com M.F. em boa harmonia, nunca tendo notado desarmonia entre eles (...) que M.F. sempre falou em suicídio (...).*
- H.A.S., sexo feminino, negra, instrumento: pano/enforcamento. Suicidou-se em 1941.
- D.P.C., sexo feminino, 20 anos de idade, branca, amasiada, instrumento: cianureto de mercúrio. Suicidou-se em 1942. Segundo os autos: (...) *que ontem de manhã cedo D. convidou H. para almoçar com ela, cujo convite foi aceito, tendo H. aparecido para o almoço que se realizou meio dia de ontem, decorrendo o mesmo num ambiente de alegria e satisfação, que ao servida da sobremesa D. se levantou da mesa com meu copo de cerveja na mão e rindo muito, mostrando estar muito alegre, dirigindo-se para o banheiro da casa e momentos depois voltou para a copa e colocando o copo vazio sobre a mesa disse para os presentes que havia tomado veneno, que em seguida foi ao telefone e ligou para O. F. e pelo telefone disse: “Dona O., a senhora quer ver eu morrer é só vir aqui em casa”, que aí ficou muda e se dirigiu para o quarto, que imediatamente H. tomou providências a fim de salvar D. (...), a mesma vivia*

muito bem e tinha todo conforto e com o depoente jamais houve uma breve discussão e nem com o amásio (...).

- D. O., sexo feminino, 40 anos, branca, instrumento: choque e esmagamento por uma locomotiva. Suicidou-se em 1942. Segundo os autos: *Que a referida vítima, há muito que tinha essa idéia de suicídio, não sendo estranho ao depoente o que hoje narra (...).*
- A.R., sexo feminino, 19 anos, meretriz, instrumento: Cianureto de mercúrio. Suicidou-se em 1942.
- M.C.V., sexo feminino, 20 anos, branca, solteira, instrumento: formicida Tatu. Suicidou-se em 1948. Segundo os autos: *(...) que como disse essa menina trabalhava em excesso, encontrava-se enfraquecida e nervosa, sendo um depauperamento nervoso profundo a causa do gesto louco, a única coisa que o declarante atribui como causa de sua morte. Que C. sempre foi ótima filha, obediente e trabalhadora, até que o presente momento não pode descobrir o que levou a mesma a praticar este lamentável gesto, pois nunca ouvira nem soubera de coisa alguma que justificasse a proceder desta forma.*
- D.C.S., sexo feminino, 23 anos, morena, viúva, instrumento: formicida Tatu. Suicidou-se em 1949. Segundo os autos: *Que sua irmã D. desde que seu pai assassinou sua mãe (...) ela ficou sempre triste e falando em suicidar pois ela já tinha feito três tentativas (...).*
- E. A., sexo feminino, 37 anos, branca, separada, instrumento: tóxico. Suicidou-se em 1950. Segundo os autos: *(...) que ultimamente não conseguia mais viver com a mesma e separou-se, porém sempre a socorria, que essa*

mulher sempre alimentou idéias de suicídio e o declarante procurava tirar isso de sua cabeça (...).

- S. M. R., sexo feminino, 17 anos, casada, instrumento: formicida Tatu. Suicidou-se em 1950.
- J.C., sexo feminino, 45 anos, morena, separada, instrumento: locomotiva. Suicidou-se em 1951. Segundo os autos: (...) *que era boa mulher, mas bebia muito a ponto de se embriagar freqüentemente, que J. sempre manifestava vontade de suicidar dizendo que lançaria adiante de um trem (...).*
- A.J., sexo feminino, 58 anos, doméstica, morena, viúva, instrumento: soda cáustica. Suicidou-se em 1951. Segundo os autos: (...) *que sua mãe mora consigo há oito anos, e vivia sempre adoentada, que desde quando seu pai era vivo alimentava idéias de suicídio, devido a seu estado doentio, muito nervosa etc, e que nestes últimos tempos ela estava mais forte (...).*
- M.P.G., sexo feminino, 24 anos, branca, casada, instrumento: formicida. Suicidou-se em 1952. Segundo os autos: (...) *que sua filha sempre foi controlada e nunca sofreu moléstias graves (...) que a mesma vivia bem com seu marido (...) que sua filha sempre foi ciumenta (...) afirmava que seu esposo andava com relações amorosas com outras mulheres, sendo que é uma suspeita infundada (...).* (...) *já havia dito que muitas vezes envenenara por ciúmes do declarante.*
- C.C.F, sexo feminino, 22 anos, amasiada, instrumento: arma de fogo. Suicidou-se em 1953.
- E.M.F., sexo feminino, 26 anos, branca, separada, instrumento: oxianureto de potássio. Suicidou-se em 1955. Segundo os autos: (...) *há tempos E. e seu esposo J. A. se separaram, por razões pessoais. A vítima mãe de quatro*

filhos passou a levar uma vida desregrada, inclusive entregando-se ao meretrício (...).

- Z.S.B, sexo feminino, meretriz, parda, solteira, instrumento: formicida Tatu. Suicidou-se em 1955. Segundo os autos: (...) *que I. (alcunha de Z.) nunca demonstrou qualquer tristeza ou desejo de suicidar e ontem mostrava-se particularmente alegre e a declarante não sabe atribuir seu treslouco gesto (...). Que ontem a declarante estava no seu quarto, quando ouviu I. telefonando para Z., e dizendo ao mesmo que ele deveria levar suas filhas para ela, I., as visse e Z. respondeu dizendo ao contrário disto, ela poderia ir a sua casa visitar suas filhas, que I. retrucou, dizendo que não poderia fazê-lo, porque pretendia fazer uma viagem (...).*
- M.R.S., sexo feminino, meretriz, parda, casada, instrumento: gasolina e fogo. Suicidou-se em 1955. Segundo os autos: (...) *que a depoente é proprietária da pensão J. e tem como inquilinas várias mulheres, e que era sua inquilina M.R., que no dia oito a referida mulher estava alegre e satisfeita e parecia que não a molestava quando cerca das 18 horas (...) M.R. trancou-se no se e passado alguns minutos houve um grande estrondo como se tivesse explodido (...).*
- A.C., sexo feminino, 32 anos, branca, viúva, alfabetizada, instrumento: formicida. Suicidou-se em 1956 e deixou um bilhete. Segundo os autos: (...) *que sua irmã (...) deixou nove filhos menores, sendo que S.V., pai dessas crianças faleceu há um ano. Que sua irmã desde que perdeu o marido se enfraqueceu muito e vinha lutando com grande dificuldade, pobreza e sem meios de subsistência aos filhos. Que duas vezes tentou ela suicidar e foi evitado o suicídio por sua filhinha mais velha.*

- A.P.R., sexo feminino, 18 anos, meretriz e doméstica, parda, solteira, instrumento: fogo. Suicidou-se em 1956. Segundo os autos: *(...) que quando A. fora ali morar, não possuía roupa, estando num estado precário, chegando mesmo a vestir roupas de outras inquilinas (...). (...) a qual fora para ali em estado precário dizendo que havia sido expulsa de casa, que a proprietária da pensão sendo uma pessoa muito caridosa deixou que A. ali se hospedasse (...).*
- M.V.M., sexo feminino, 54 anos, viúva, instrumento: faca de cozinha. Suicidou-se em 1958. Segundo os autos: *(...) o depoente acredita que o ato, o treslouco gesto da sogra se dava a uma depressão nervosa de a mesma parecia, estando ela também na época da menopausa, que é do conhecimento do depoente que o marido de dona M., também morreu de suicídio (...).*
- G.S.F., sexo feminino, 21 anos, casada, instrumento: Adrin. Suicidou-se em 1959. Segundo os autos: *(...) que G. era uma mulher muito nervosa e ciumenta, e nas ocasiões em que brigavam ou discutiam, esta dizia e prometia suicidar, que por duas vezes, o declarante teve a oportunidade de arrebatá-las das mãos de G. um vidro contendo “soda cáustica” (...).*

Após um breve relato de cada suicídio pesquisado pode-se levantar dados generalizantes, isto é, que se repetem em vários casos. A característica mais recorrente da pessoa que se suicida é tentar mais de uma vez o ato. Outra característica que percorre as falas das testemunhas é se a pessoa tinha uma boa índole, se era honesta, trabalhadora, se se dedicava à família, entre outros fatores que são característicos do período histórico trabalhado que tem por objetivo positivar o trabalho e a honestidade. Assim não é cabível que uma pessoa honesta, trabalhadora e dedicada pense em auto-

exterminio, uma vez que ela se encaixa perfeitamente no modelo de cidadão idealizado pelo governo e inculcado no senso comum. Quando o indivíduo é um desviante, ele si poderia questionar o valor da vida, pois não estava de adequando ao sistema vigente.

Outros casos recorrentes são homens que matam suas esposas e para se livrarem da culpa ou do peso na consciência findam sua própria vida. Não podendo ser questionados ou punidos pelos crimes que cometeram. Questões financeiras, manutenção da honra e da palavra empenhada, assim como amores não correspondidos são o motivo último de muitos suicídios, entretanto não são as causas exclusivas dos atos. Em muitos casos os indivíduos estão alegres no dia que se matam e não dão indícios nos momentos próximos ao ato, isto porque acreditam estar se livrando do pesado fardo que é a vida da pressão social exercida para que os mesmos sejam trabalhadores, honestos e dedicados ao trabalho sendo que muitas vezes esses não possuem trabalho ou não ganham o suficiente para honrar suas dívidas.

III - DESPEDIDAS, SEPARAÇÕES: ANÁLISE DAS CARTAS DE ADEUS DOS SUICIDAS

*O objetivo derradeiro da vida é sua
própria extinção.*

Freud

Suicídio, auto-extermínio, morte de si mesmo, entre outros, são termos utilizados quando um ou vários indivíduos levam a cabo a própria vida. No pós-vida eles esperam encontrar a solução para os problemas, seu grande amor, seu ente querido, enfim, o término do sofrimento. Em muitos casos eles deixam cartas, bilhetes, mensagens que tentam explicar o ato, culpar alguém, se culpar, se desculpar pela fraqueza, se despedir da vida ingrata, assim pensam aliviar a vida de alguns e deixar outros com remorso. Muitas cartas envolvem amores não correspondidos, morte de entes queridos, morte do grande amor. As despedidas são as mais variadas possíveis, mas nenhuma delas relatam o que de fato levou o indivíduo a dar cabo à vida.

Este capítulo tem como objetivo analisar cartas e bilhetes de despedidas deixados por suicidas. Por meio delas é que se conhece e concebe os valores, a moral e os costumes iminentes a uma sociedade em via de desenvolvimento, higienização, modernização e posituação do trabalho. A análise das mensagens deixadas pelos suicidas requer conhecimento histórico, antropológico e psicanalítico, entretanto não nos foi possível uma análise muito aprofundada dos últimos, uma vez que não é nossa especialidade. Assim, o que fizemos foi uma breve e ousada, por assim dizer, empreitada nesses campos, sem muito aprofundamento, pois não temos qualificações para estes fins.

O universo mental que envolve o suicida é uma cortina de fumaça, ele quer estar com as pessoas que ama, mas com medo de decepcioná-las ou não corresponder às

expectativas ele abre mão de sua vida. P.M., sexo masculino, 50 anos, comerciante, branco, alfabetizado, casado, deixa um bilhete com os seguintes dizeres:

*Querida irmã, Saudações,
Eu sou homem que não tenho sorte. A mulher não gosta
de mim e nada mais. P.M.
Vou morrer porque a mulher não gosta mais de mim, sou
o homem mais infeliz do que os outros. P.M.
Eu sou o pior dos homens e a mulher é bonita, merece
muito mais do que eu. P.M. Preciso morrer porque a
mulher é cheia de vida, bonita e cheia e eu não posso dar
o conforto que ela quer. P.M.³⁶*

Tais fatos mostram que para um homem merecer uma mulher, ser digno do seu amor ele precisa ter dinheiro, ser o provedor da família, mostrar que quem manda, direciona e domina a relação é ele. E neste caso, por não poder *dar o conforto que ela merece* ele prefere abrir mão da própria vida. Pois, por mais que ele trabalhe, ele não vislumbra a possibilidade de mantê-la com dignidade. Apesar disso, uma das filhas do suicida disse que ele estava meio perturbado do juízo e a outra que ignora o motivo pois em sua casa tudo corria normalmente.

Enquanto P.M. se envenenava por não poder dar tudo que sua esposa merecia, G.S., 17 anos, branco, que se matou com uma arma de fogo deixou o seguinte bilhete:

*Meu amor, queria viver unicamente por você, mas vi que
era impossível e que mi aperola tantas cousas que fis
para você querida vou embora mais deixo para você o
amor que lhe dedique seu ingrato. G.³⁷ (sic)*

Neste caso a dedicação exclusiva a uma pessoa – *viver unicamente por você* – reforça a nossa cultura monogâmica e o arrependimento por algo que ele fez à moça e que não fica explícito no processo. Talvez a tenha traído com outra mulher e por medo de nunca mais ser perdoado, ou nunca mais ser respeitado por ela, este prefere abreviar sua vida.

³⁶ Processo Crime, Nº 139, 1938, Uberlândia, MG. Localizado no CDHIS.

³⁷ Processo Crime, Nº 141, 1939, Uberlândia, MG. Localizado no CDHIS.

própria vida. Ele julga que não deve viver para o seu bem e para o bem dos que o cerca – pois quer o melhor para si e para a sociedade.

Segue a carta deixada por A.M.G., sexo masculino, que se matou ingerindo formicida, deixou a seguinte carta:

*Uberlândia, 15/11/1946, vou contar a minha vida desde
condo eu fiquei seim minha mai eu estava com 10 annos
condo eu perde minha mamai era 4 oras da madrucata
condo meu pai mandou eu dois irmão para a estação de
Coiaz para vender café condou pedindo abenção para ella
eu fique com o coração na mão que estava sabendo que eu
não via coma vida vinda e assim que com mesou o meu
sofrimento, deste este dia meu pai comesou minatra eu fui
com ele para badia dos dorando ela fique passando fome
encompania delle até que meus irmão E. e P. alembro que
tinha um pai na mizéria, e foi boscar onde nois ficou em
Monte Carmelo, empregado de A.M. para trabalhar na
padaria, eu louca fiquei namorado de uma espanhola,
Piedade olha para o C. e telecrafa para P. avinida Mato
Grosso Araguay e lias bitara
Adeus que eu vou vingar, Adeus⁴⁰.(sic)*

Por meio da mesma nota-se que a condição de miséria que assolava sua vida e de seus familiares foi o motivo principal de seu suicídio, seguido pela falta de um ente querido, que no caso seria sua mãe. Os problemas financeiros conjugados com os afetivos levam a uma desvalorização do indivíduo na sociedade, pois, principalmente no caso do homem ele só tem valor quando está imbuído do trabalho.

A música de Gonzaguinha, *Um homem também chora*, reflete muito a relação homem x trabalho x sociedade. Pois os valores da sociedade são incutidos nos indivíduos e desta forma fundamentamos a pesquisa. Uma vez que a sociedade representa-se nos indivíduos da forma que eles absorvem os costumes e o modelo social, político e econômico ora estabelecido, ora imposto.

⁴⁰ Processo Crime, sem número, 1946, Uberlândia, MG, CDHIS/UFU

A.M.G. estava desempregado há seis meses *sem o seu trabalho o homem não tem honra e sem a sua honra se morre, se mata, não dá pra ser feliz, não dá pra ser feliz*. A busca pela felicidade que a vida em nossa sociedade não pode proporcionar pode ser algo que muito buscam com o suicídio.

Esta música também reflete a realidade de M.V., sexo masculino, 19 anos comerciário, moreno, solteiro que se matou com veneno. Ele começa sua carta dizendo:

Uberlândia, 1º de junho de 1950⁴¹.

Estimado pai, irmãos, vovó, tios e afinal todos parentes e amigos.

Por intermédio das folhas ficam minha despedida pois se na hora não poderei confessar porque tomo esta atitude.

Papai já cansado de viver e dar desgosto a todo mundo acho que este mês será a data do fim da minha existência.

Ele premedita seu ato, marca dia e hora. Despede-se e se empenha em ficar bem com todos.

*A muito tempo vivo a **pençar** em tal coisa mas **pençava** que algum dia mamãe viria precisar de mim⁴², mas ela se foi tomei o desengano. Pois fique o senhor sabendo que meu maior desgosto de minha vida foi a separação de mamãe pois preferia sempre estar com ela sabendo que era ela o que era, pois teria ao menos o prazer de dizer a toda hora o mais mais **docê** do mundo que é mamãe⁴³.*

Já pensava anteriormente em suicídio e se achava importante para sua mãe, consta na fala das testemunhas que ela teve uma morte bastante trágica.

Este foi um dos primeiros motivo que me leva a tomar tamanha solução.

⁴¹ Processo Crime, sem número, 1950, Uberlândia, MG, CDHIS/UFU.

⁴² Já pensava anteriormente em suicídio. Acha-se importante para sua mãe. Porque não para os amigos? Sua mãe, segundo testemunhas se suicidou.

⁴³ *Ibidem*.

Outro papai foi amar uma mulher em minha vida amei e fui amado mas esta também morreu, pois desde a morte desta vivo a beber.

*Papai esta mulher a quem digo amava-me mais eu não tinha **serteza** desta pois trataria com **despreso** mais amava-a como nenhuma outra, uma vez brigamos jurei-lhe nunca mais lhe procurar, mas ai foi um dia que eu tive a tal **serteza** de que ela dava a vida por mim, cansada de mandar recados, bilhetes e eu sempre fazendo de duro rasgava-lhe os bilhete bilhetes e quando a via virava-lhe as costas mais com todas as ingratidão que fazia amava esta mulher mais como já te disse que tínhamos brigado e que tinha lhe feito um juramento de nunca mis procurar, procurava esquecer⁴⁴.*

Afinal de contas, um homem empenha a palavra dada mesmo que isso lhe seja muito oneroso no futuro. Logo, ele prometeu que não iria mais atrás dessa mulher e mesmo que isso lhe causasse todo o sofrimento possível ele não o faria. Isto é algo que está incutido na cultura do homem neste momento histórico, vale a palavra dada, vale a honra apostada. E segue a carta...

Mais foi uma noite que quando sai de casa e dei de encontra com um garoto que me entregou um bilhete com os seguintes dizeres.

“Querido M.

M. querido, já lhe procurei ser e fui sua muitos tempo de ti não esquecerei pois no começo procurei esquecer mas não pude, lhe procurei muitas e muitas vezes não me ligou, lhe escrevi muita vezes e nem por nada.

Mauro hoje quero que lê este bilhete e guarde para ver se mesmo assim prove de que não fui a culpada de tal erro que você me culpa.

Pois você foi e será o último homem que neste mundo amo.

*Já que você não **quize** ver sua querida enquanto viva peço que depois de morta virá amenos por curiosidade. Porque Mauro que faço antes de morrer **enviarte** este bilhete. Adeus meu querido. Desta que te amou até morrer...”*

D. – 15/11/1949

Depois de receber este bilhete fiquei a pensar se seria uma maneira de levar a casa dela, mas mesmo com

⁴⁴ Ibidem.

*este pensamento qui mais mais foi o meu maior desatino quando vi que na casa onde ela morava estava a lamentar pois se já se viu que D. não escapava mais. Entrei em seu quarto vi que ela ainda respirava **aprocimei** mais **entou** ela abriu os olhos e **quize** dizer meu nome e morreu abraçada comigo⁴⁵.*

Apesar de todo o sofrimento ele não poderia quebrar a palavra empenhada, assim agonizou, lamentou, mas esses eram os seus valores, seu costume. Não só seus mas de uma sociedade, de uma época e quem os burlasse seria mal visto no meio em que vive. As pessoas se julgam o tempo todo, seus vizinhos vigiam através do olhar. O julgar por meio do olhar faz com que muitos se policiem e foi o que aconteceu com M.V.

*Papai, passei muitos dias vagando pelas ruas bebendo **quasi** que, noite e dia pois se já tinha resignado a voltar as boas com Dina pois amava loucamente.*

Foi este o meu segundo fracasso.

Depois disto dediquei somente ao trabalho.

Vivi dias felizes mas até hoje nunca me esquecerei desta mulher.

*Depois disto papai comecei a namorar diversas moças que todas dei o mesmo fim pois quando via que estava já gostando acabava sem dar motivo e sem falar o motivo que queria nunca mais **panha** amor a ninguém pois se não tive sorte com um **receiava** nunca mais ter com outra e assim levei uma vida que levava a muitos tempo bebendo com bebi na passagem de ano que o senhor teve ocasião de apreciar mais aquela noite quase não houve nada⁴⁶.*

Nesse momento seu único companheiro foi o álcool. A bebida era prova de masculinidade, ela é aceita socialmente até mesmo como objeto de virilidade. O homem bebe para disfarçar o tédio, para relaxar e para esquecer os problemas. E continua...

Agora papai amo outra mulher e sei que sou amado.

Mas papai tenho ciúme demais e não posso lhe deixar em casa de mulher como ela vive, já pensei de fazer um lar para nós dois mas ganha pouco e no mais seria o maior desgosto que daria minha família eu de

⁴⁵ Ibidem.

⁴⁶ Ibidem.

viver com uma puta, mas isto tudo papai pode afirmar o senhor que é o destino papai, a gente quando vem ao mundo vem com que a gente tem que passar papai.

*Pois assim papai busco e ultimamente já **pencei** até em ser ladrão papai mais **pencei** depois que sendo ladrão não poderei viver uma vida feliz com esta que amo.*

O homem honrado casa-se com uma mulher virgem, para constituir uma família feliz. Ele provém a casa e ela cuida dos filhos e do marido, ele tem que ter o controle sobre os corpos da sua mulher e filhas – virgens e fiéis. Mas como enfrentar os familiares casando-se com uma prostituta e resistindo a todas as normas socialmente estabelecidas?

E assim sendo hoje dia 1º deste mês escrevo estas linhas e compro a droga com que deve dar fim nesta vida tão mal sucedida.

*Papai esta carta escrevo adiantada pois ainda quero, ter uns dias para estar junto aquela a quem amo e de **gosar** a vida juntamente com os colegas⁴⁷.*

Ele quer e não quer morrer ao mesmo tempo, quer aproveitar a vida com os colegas mas não quer se adequar às regras impostas e estabelecidas socialmente. Assim ele delimita um tempo para aproveitar antes que se mate.

Ao senhor papai quero pedir algumas cousas, que papai que não afobe para casar minhas irmãs para não acontecer como aconteceu com C. papai.

Quando elas achar um rapaz que o senhor vir que existe amor o senhor nem que seja um rapaz pobre pois se posição e dinheiro não faz felicidade.

*Sobre vovó papai de um abraço e dê esta carta para ela ler pois se achava ela nervosa e até meia **emplicada** comigo papai mas agora papai reconheço que ela é uma Santa papai pois se ela não tem direito de tratar de nós como ela trata.*

A C. papai trata-lhe bem pois ela tem um orgulho que não deveria ter e que mais tarde virá ainda a sofrer por esta causa.

A A. esta é uma santa também papai e que Deus lhe de um bom casamento e que seja feliz com seu esposo.

⁴⁷ Ibidem.

A S. papai esta também quer acompanha as mesmas qualidades da sua irmã mais velha, ainda está em tempo do melhor cortar para mais tarde não sofrer como C..

Ele aconselha, pede perdão, deseja o bem. Fala para que seu pai não se apresse em encontrar um homem que se encaixe nos padrões tradicionais, mas sim que sua irmã se case com quem realmente ama. É onipotente ao dizer faça isso, faça aquilo.

C.

*O M. papai dever ser um cara estudado para mais tarde ter um bom ordenado e que quando quiser ter um lar possa ter e não ser como eu nem lar nem estudo mais isto eu não culpo se não o tenho o único culpado sou eu mesmo, por mais que o senhor pejejou querendo fazer de mim qualquer coisa na vida e não **quize** papai, também afirmo que isto é o destino⁴⁸.*

Admira as pessoas que de enquadram nos padrões. E se culpa pelos erros cometidos. Como se os problemas todos fossem dele e como se os problemas sociais direta ou indiretamente não afetassem sua vida.

A titia e a L. também dê um abraço e diga que muito estimava.

*E assim papai a todos que perguntarem porque **rasão** me levou ao suicídio papai diga que foi que já tinha vivido demais e que já não tinha visto muitas coisas que não deveria ver e já tinha sofrido demais o quanto podia levar um moço a fazer uma loucura desta a qual venho fazer⁴⁹.*

Para o suicida o processo vive-morrer acontece ao contrário. Morrer torna-se sinônimo de começar a viver. Isto torna o suicídio um ato ambíguo. Logo a partir da morte ele acredita poder fazer o que não fez e ser o que não foi. Trata-se do jargão “começar do zero”. A intenção do suicida é construir o mundo à sua própria imagem e ao mesmo tempo se adequar às normas e padrões sociais pré-estabelecidos. Fugindo do mundo real e ao mesmo tempo se encontrando nele ao impor seu modo de vida e sua postura frente ao mundo. M.V. acredita que o que está prestes a fazer é uma loucura,

⁴⁸ Ibidem.

⁴⁹ Ibidem.

pois o homem ideal, que ele acredita não ser, não faria algo parecido. E continua a saborear sua tristeza e sua amargura e sofreguidão.

E no mais papai de recomendações a amigos e parentes que sentir falta se isto acontecer⁵⁰.

Não se acha importante sequer para os amigos, pois um homem que não ganha o suficiente para sustentar uma família e não consegue uma mulher “honesta” para o casamento não merece o amor nem a amizade de ninguém, somente de sua mãe.

E no pessoal de casa o meu abraço de confraternação e de um filho, neto, irmão que vai descansar a família e que sempre não cendo nada sempre pensou e sente fazer o que vai fazer mais tudo papai é destino⁵¹.

A vida é um fardo para ele, são muitos os preceitos e regras a serem seguidos. Normas a serem obedecidas e isso faz da vida algo muito cansativo e doloroso. Talvez a morte, algo que ninguém sabe precisamente o que é, seja melhor. Ou talvez aquele jargão do senso comum: “Pior que está não tem jeito de ficar”.

Quando nasci fim com toda a minha passagem e o meu dia de morte a minha hora o meu minuto e segundo chegou e aqui só deixo estas linha que será atestado que ninguém é culpado de minha desgraça, comigo nasceram comigo viveram e que comigo morreram.

Ao não culpar ninguém retira do Estado e da justiça a culpa de seu ato.

*Papai antes de terminar quero fazer-lhe um pedido se esta mulher a que já lhe disse depois de morto vir a ver seu antigo amante não recuse pois tenho a **serteza** de que ela me ama e de que não leva um pinga de culpa de minha desgraça.*

*E termino papai deixando um abraço de filho para pai e de homem para homem por se já sou um homem mais não um homem **faste** um homem fraco que morre por não ser feliz e de não ter animo de lutar para vencer.*

*Já me acho **esmurecido**.*

⁵⁰ Ibidem.

⁵¹ Ibidem.

*De seu filho um forte abraço, irei fazer companhia
a minha querida mamãe e minha querida Dina que foi
por mim, Adeus meu bondoso pai.*

M. V.⁵²

Em suma, ele sente medo de sofrer por amor e tomar atitudes que não são as que a sociedade espera que ele tome. Amar uma prostituta não faz dele um homem bem visto na sociedade. Apesar de morto é onipotente, quer que suas vontades sejam atendidas. Perdoa alguns familiares e aconselha outros, afinal, ele, enquanto morto, terá suas palavras ouvidas por todos, ele conseguiu uma forma de chamar a atenção, fez com que as pessoas ficassem sabendo quem ele era e o que se passava por sua vida.

Em sua carta ele consegue conciliar todos os valores da sociedade e do momento histórico em que vive: bons salários, boa educação, trabalho honesto e digno, ele pensou em ser ladrão, mas seria pior. Desculpa-se por seu fracasso como se o fracasso fosse somente seu, como se a culpa por ele não ter se tornando ninguém fosse somente sua e do destino, uma vez que o último está além da compreensão humana. Pois nesse momento o Estado dá os mecanismos, a vitória e a derrota são de cada um, o Estado não tem culpa do fracasso alheio. Acredita estar cometendo uma loucura, pois os homens ideais não hesitam em trabalhar cada vez mais e dar o melhor de si para que consigam chegar à felicidade. A sua modéstia quanto à sua importância é uma tentativa de se dizer excluído mesmo em vida. Ao fazer concessões que a mulher que ama tenha outro é uma forma de resistir à sociedade monogâmica instituída. Para ele a vida é cansativa e acredita encontrar um lugar tranquilo *quando* morrer. Podendo ser o Paraíso contado na Bíblia. Um lugar onde todos têm tudo e se encontram na paz.

O suicida tem por característica ser ambíguo, A.C., 32 anos, branca, alfabetizada, viúva, nove filhos, desempregada e já tinha tentado o suicídio anteriormente deixou este bilhete:

⁵² Ibidem.

Esta colher e este garfo é do Daniel, a tizoura é do Sró. Compadre ai seu filho de hora em diante o Srº é pae a comadre, é mãe está ai o registro não entregue a ninguém não tem tio nem avo que tire ele de suas propria mão eu vou viajar eu não tenho natureza de suportar sertas coisas tudo no mundo eu relevo mas sertas coizas eu não relevo porque sou sintida de natureza. O Srº procura as 5 horas 300H com seu Flavio diga a ele que o compadre Domingos vae abar de arrumar a casa pega 200H entrega a Dª Rocha, e 100H entrega fia minha cunhada. Tenho lutado com, a vida nunca achei tão pezado em como esta corrente da agora. A.C.⁵³(sic)

O suicida, ao mesmo tempo em que diz não dar conta de viver mais é onipotente ao designar ações às pessoas que ficaram. A visão recorrente nas cartas soa de medo e coragem frente à morte, uma vez que essa passa a ser a solução de todos os problemas. Pois o suicida acredita, em muitos dos casos, não somente resolver seus problemas como também os alheios. Espera ao morrer encontrar a vida.

Este trabalho também vem assinalar a riqueza dos textos deixados bem como a precariedade da escrita, revelando a falta de instrução dos suicidas uberlandenses. São recorrentes o uso inadequado de vocábulos e a despreocupação com a ortografia, o que se coloca em primeiro plano é o conteúdo do texto, a mensagem a ser enviada. Tornando-se evidente a relação violência, narrativas e cartas de adeus, desta forma o importante para o suicida é despedir, (des)culpar ou perdoar os outros não importando o aspecto literário da mensagem redigida.

⁵³ ARQUIVO DO CDHIS, Processo sem número, Uberlândia, 1956.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho foi feito com o objetivo fazer um levantamento de fontes e analisar ainda que brevemente todos os aspectos que envolvem o suicídio, principalmente no que diz respeito à cidade de Uberlândia. Assim, ainda de forma embrionária tecemos alguns parâmetros e convergências nos atos suicidas.

Nossa pesquisa não pretende terminar somente com estes resultados. Esperamos que no mestrado possamos aprofundar o estudo das cartas, pesquisando a fundo a moral, os costumes e a violência que permeia esta cidade, na tentativa de cruzar alguns fatos sociais com o que se alega nas cartas ou bilhetes deixados.

Também pretendemos conhecer o trabalho realizado pela Central de Valorização da Vida – CVV, que está se instalando nesta cidade e como voluntária perceber a realidade do suicídio no Brasil, bem como ter acesso aos dados que este órgão possui. Parcerias de trabalhos poderão ser feitas- e com isso nosso trabalho junto a essa entidade possa ter outro norte e outra perspectiva.

FONTES DOCUMENTAIS

- Processos crimes de Suicídio que se encontram no Centro de Documentação e Pesquisa em História – CDHIS, na Universidade Federal de Uberlândia.
- Jornal A Tribuna, no período de 1938-42.
- Sites da Internet.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- ALMEIDA, Angela Mendes. (org.) **Pensando a família no Brasil. Da Colônia a Modernidade**. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo/UFRJ, 1987.
- ARENDT, Hannah. **Sobre a violência**. Rio de Janeiro: Relume –Dumará, 1984.
- BARROS, Nívia Valença e SOCHACZEWSKI, Jacques (orgs.) . **Violência: Múltiplas Abordagens**. Rio de Janeiro: Editora da UFF, 1999.
- BECCARIA, Cesare. **Dos Delitos e das Penas**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- BURKE, Peter. **A escrita da História. Novas Perspectivas**. São Paulo: UNESP, 1992.
- _____. **Variedades de história cultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- CASSORLA, Roosevelt M.S. **O que é suicídio**. São Paulo: Brasiliense, 1992.
- _____. (coord.) **Do Suicídio. Estudos Brasileiros**. Campinas: Papirus, 1991.
- CHALHOUB, Sidney. **Trabalho, Bar e Botiquim . O cotidiano dos Trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque**. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- CHAUÍ, Marilena. **Repressão Sexual Essa Nossa Velha (Des) Conhecida**. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- _____. **Cultura e Democracia**. São Paulo: Cortez, 1989.
- CÓDIGO PENAL DA REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL**. 1890. In: Pierangeli, José Henrique. (Coord.). **Códigos Penais do Brasil. Evolução Histórica** São Paulo: 1980.
- CÓDIGO PENAL DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL. COSTA E SILVA**, Antônio José da (coment.).São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1930.
- COSTA, Albertina de Oliveira e BRUSCHINI, Cristina (orgs) . **Entre a Virtude e o Pecado**. Rio de Janeiro/ São Paulo: Rosa dos Tempos/Fundação Carlos Chagas, 1992.
- D'INCAO, Maria Angela (org.) **Amor e Família no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1989.
- DONZELOT, Jacques. **A Polícia das Famílias**. Rio de Janeiro: Graal, 1980.
- DURKHEIM, Emille. **O Suicídio**. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.
- ELIAS, Norberth. **O Processo Civilizador**. Vol. 2: Formação do Estado e Civilização. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.

ENGEL, Magali. **Meretrizes e Doutores. Saber Médico e Prostituição no Rio de Janeiro (1840-1890)**. São Paulo: Brasiliense, 1989.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade. A Vontade de Saber**. Vol.1. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

_____. **Vigiar e Punir**. História da Violência nas Prisões. Petrópolis: Vozes, 1983.

_____. **Micrfísica do Poder**. Rio de Janeiro : Graal, 1979

GAY, Peter. **A experiência Burguesa da Rainha Vitória. O Cultivo do Ódio**. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

GINSBURG, Carlo. **Mitos, Emblemas e Sinais. Morfologia da História**. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

KÜBLER- ROSS, Elizabeth. **Sobre a Morte e o Morrer**. São Paulo: Edart, 1977.

_____. **Morte. Estágio final da Evolução**. Rio de Janeiro: Record, 1975.

MATOS, Maria Izilda Santos de. **Meu lar é o botequim**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2001.

PERROT, Michelle. **Os Excluídos da História. Operários, Mulheres, Prisioneiros**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

PINHEIRO, Sérgio. **Crime, Violência e Poder**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

PORTER, Roy. **História Social da Loucura**. MIELIM, Angela (trad.). Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

PRIORI, Ângelo. **História Regional e Local: métodos e fontes**. In: Revista Pós História. Assis: 1994.

PUGA DE SOUSA, Vera Lúcia. “ **Internatos**”. In: Caderno Espaço Feminino. n.º 1, Uberlândia: Gráfica da UFU, Jan/ Jun/1994.

_____. **Paixão, Sedução e Violência, 1960/1980**. Tese de doutoramento, São Paulo: USP, 1998.

_____. **Violência e desgoverno: o desaparecimento dos Jardins das Delícias**. In: PUGA DE SOUSA, Vera Lúcia. e MACHADO, Maria Clara Tomás (orgs.) Inventário de Fontes Criminais em Uberlândia, 1960-1980. Uberlândia: EDUFU, 2000.

_____. “ **Encontros e Desencontros: Vivência nos anos 60.**” In: Revista História & Perspectivas. n.º8, Uberlândia: Gráfica da UFU, Jan/Jun/ 1993.

_____. **Entre o Bem e o Mal (Educação e Sexualidade- Anos 60 – Triângulo Mineiro)**. Dissertação de Mestrado. São Paulo: USP, 1991.

RAGO, Margareth. **Os Prazeres da Noite. Prostituição e Códigos de Sexualidade Feminina em São Paulo (1890-1930).** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

_____. **Do Cabaré ao Lar. A Utopia da Cidade Disciplinar. Brasil (1890-1930).**

Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.

RUFFIÉ, Jacques. **O Sexo e a Morte. Rio de Janeiro:** Nova Fronteira, 1988.

VÁRIOS AUTORES. **A Violência Brasileira.** São Paulo: Brasiliense, 1982.

Sites da Internet

<http://www.animalzoom.org/port/bisao.htm>, em 24/07/2002.

<http://abcdocorposalutar.com.br/artigo.php?codArt=53>, em 17/08/2001.